EDITORA
UNIVATES

OBJETOS DE PENSAR

exercícios para a docência

Angélica Vier Munhoz
Fabiane Olegário
Morgana Domênica Hattge
Suzana Feldens Schwertner
(Organizadoras)

Objetos de pensar:
exercícios para a docência

1ª edição

EDITORA
UNIVATES

Lajeado, 2020

Universidade do Vale do Taquari - Univates
Reitor: Prof. Me. Ney José Lazzari
Vice-Reitor e Presidente da Fuvates: Prof. Dr. Carlos Cândido da Silva Cyrne
Pró-Reitora de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação: Profa. Dra. Maria Madalena Dullius
Pró-Reitora de Ensino: Profa. Dra. Fernanda Storck Pinheiro
Pró-Reitora de Desenvolvimento Institucional: Profa. Dra. Júlia Elisabete Barden
Pró-Reitor Administrativo: Prof. Me. Oto Roberto Moerschbaecher

EDITORA UNIVATES

Editora Univates
Coordenação: Ana Paula Lisboa Monteiro
Editoração: Glauber Röhrig e Marlon Alceu Cristófoli
Capa: Agência Experimental de Comunicação da Univates - AECOM

Avelino Tallini, 171 – Bairro Universitário – Lajeado – RS, Brasil
Fone: (51) 3714-7024 / Fone: (51) 3714-7000, R.: 5984
editora@univates.br / http://www.univates.br/editora

O12

Objetos de pensar : exercícios para a docência / Angélica Vier Munhoz et al. – Lajeado : Editora Univates, 2020.

119 p.

ISBN 978-65-86648-14-0

1. Educação. 2. Métodos de ensino. 3. Formação de professores. I. Munhoz, Angélica Vier et al. II. Título.

CDU: 371.3

Catalogação na publicação (CIP) – Biblioteca Univates
Bibliotecária Andrieli Mara Lanferdini – CRB 10/2279

As opiniões e os conceitos emitidos, bem como a exatidão, adequação e procedência das citações e referências, são de exclusiva responsabilidade dos autores.

Sumário

APRESENTAÇÃO 7

PARA PROVAR DO FOGO (QUESTÕES, PÓS-PRODUÇÕES, MÚSCULOS) 11

E SE... A ESCOLA DESAPARECESSE AMANHÃ? 15

PONTOS, RETALHOS E CRIAÇÕES DO PENSAMENTO 16

ARTISTA ESTÁ PRESENTE 18

SOU 21

IMAGENS QUE HABITAM NOSSO PENSAMENTO 24

ESCOLA NA REVOLUÇÃO 26

DOCÊNCIA EM TELA 28

N'S 29

A POÉTICA DOS 20 SEGUNDOS 32

FILOSOFADOR 37

ESCOLA SEM PROFESSOR 39

ARTÍSTICA DOCÊNCIA 40

O PERMANECER INCANSÁVEL 42

O QUE CARREGAS NA TUA BAGAGEM? 43

TORREMOTO INTERIOR 44

ENCORAJAR VOOS, DESCONSTRUIR GAIOLAS 45

O TEMPO... 47

O QUE VEJO? 48

ROLETA DO PENSAMENTO 49

DOS GESTOS DO PROFESSOR OU DAS MÃOS INTELIGENTES, MÃOS FELIZES, MÃOS ESCOLARES 53

JUSTIÇA DOCENTE 54

APRENDERENSINARDESAPRENDER 56

OS JOVENS E AS FUNÇÕES DA ESCOLA: UMA MATÉRIA EPISTOLAR 57

DOCÊNCIA CROCHET 58

O QUE SE VÊ? 60

BLACKOUT: A REESCRITA DE UM DISCURSO 61

SÓLIDOS PLATÔNICOS 67

APRENDIZAGEM MARCANTE 73

OLHARES QUE MOVIMENTAM 74

PALHINHAS - PALAVRAS ALEATÓRIAS, LINHAS PENSADAS 75

DILEMAS ÉTICOS 77

A BAGAGEM DE JOÃO'S 80

VOCÊ NEM SONHA O QUE ME ENSINOU... 84

BALANCÊ 85

EUFORIA 87

LIGHT LETTERING 89

PENSE FORA DA CAIXA 90

DESENHOS DA DOCÊNCIA 93

CAPTURAS DO INVISÍVEL 95

ABRE E FECHA DO PENSAMENTO 96

ORGANIZAÇÕES, CLASSIFICAÇÕES E INVENTARIAÇÕES DOS SABERES DO MUNDO 101

QUAL O SEU CLÁSSICO? 104

DOCÊNCIA EM BRANCO 105

E SE A INTERNET ACABAR, PROFESSOR? 106

ABRINDO A CAIXA DE PANDORA, QUAIS SURPRESAS EU VOU ENCONTRAR? 108

ENSINEI O FLOQUINHO A ASSOBIAR 112

EM QUAL FREQUÊNCIA VOCÊ VIBRA? 114

GAVETA DOS SENTIMENTOS 116

METÁFORAS DA DANÇA 117

Apresentação

Objetos de Pensar foi o nome criado pelo Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Vale do Taquari – Univates, com apoio do CNPq e FAPERGS, para designar um projeto destinado a propor exercícios de pensamento voltados para a docência.

Como nenhuma ideia nasce em um espaço neutro ou vazio, este projeto foi gestado em meio a alguns disparadores. O primeiro deles talvez tenha sido a aproximação com os últimos livros de Jorge Larossa, "Elogio da escola" (2017), "P de professor" (2018) e "Esperando não se sabe o quê – sobre o ofício de professor" (2018), cujo contato se deu a partir de um curso intitulado "A escola, o museu, o professor e o mediador", realizado pelo pesquisador espanhol, em outubro de 2018, na Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre/RS.

O segundo disparador e, talvez o mais provocador, foi a visita à 33ª Bienal de São Paulo, em novembro de 2018, cujo bonito título, "Afinidades afetivas", foi inspirado em duas obras: um romance de Goethe, de 1809, com título "Afinidades eletivas"; e a tese de livre-docência, "Da natureza afetiva da forma na obra de arte", do crítico de arte e ativista político Mário Pedrosa, defendida em 1949, na Faculdade Nacional de Arquitetura do Rio de Janeiro - a qual se transformou, em 2017, em uma exposição no *Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía*, em Madri. Mas não se tratava somente disso, pois a temática desta Bienal também trazia a ideia de uma experiência física de habitar o espaço expositivo, tomando como foco educativo conceitual a questão da atenção. "Convite à atenção" era como se chamava a forma de mediação dessa 33ª Bienal, cujo pressuposto consistia em "[...] reafirmar o lugar da arte como lugar único para concentrarmos a atenção no mundo e em favor do mundo" (FUNDAÇÃO DA BIENAL..., 2018, p. 20).

Assim, aos visitantes da 33ª Bienal eram oferecidos exercícios e protocolos, por meio dos quais se tornava possível experimentar de modos diferentes a exposição, bem como perceber o que poderia emergir da experiência de dedicar a atenção a uma obra de arte por um tempo prolongado.

Provocadas por tais encontros e instigadas pelos resultados das pesquisas que vínhamos desenvolvendo no Grupo CEM, indagamo-nos: de que modo pensar a docência a partir de exercícios de pensamento, de experiências de atenção para esse campo minado de representações, de palavras já ditas, de imagens e pensamentos colonizados, mas também de um espaço fértil e potente para novas experimentações? Era necessário então uma ideia, uma noção que fosse propulsora desse movimento. Objetos de Pensar não surgiu apenas como um nome, mas

como uma matéria, capaz de provocar o movimento do pensamento, podendo se constituir em exercícios escritos, objetos físicos, atividades criadoras, desafios que pudessem envolver o corpo, procedimentos artísticos, entre outros – desde que fossem autorais, originais e inventivos.

Diante dessa noção, o Grupo CEM, em parceria com o Projeto de Extensão Pensamento Nômade e a Área de Artes da Univates, criou o projeto Objetos de Pensar, lançado por meio de um edital, em março de 2019. O objetivo foi propor a criação de perguntas/questões/indagações/problematizações que necessariamente não precisam de respostas, que coloquem o pensamento a se mover, saindo dos lugares comuns, dos clichês, das coisas já ditas e pensadas no campo educacional. Tal objetivo visou possibilitar movimentos autorais, a fim de lançar outros sentidos às práticas educativas.

Alunos e professores de graduação e pós-graduação da Univates, alunos e professores de graduação da UFRGS, pesquisadores e bolsistas do Grupo CEM lançaram-se a inscrever os seus objetos de pensar, os quais foram avaliados pela comissão organizadora. O edital previa a inscrição das propostas no sistema de Eventos da Univates, que foi realizada no período de abril a julho de 2019. Ao final das inscrições, mais de 50 propostas foram recebidas.

Com os primeiros objetos em mãos, iniciamos as oficinas com professores de escolas parceiras, além de alunos e professores de graduação e pós-graduação. A intenção era experimentarmos esses objetos, mas também encorajar os participantes das oficinas a criarem os seus próprios exercícios de pensar a docência.

No segundo semestre de 2019, foi realizada a curadoria da exposição que envolveu pesquisadores e bolsistas do grupo CEM. Para a exposição, 43 objetos foram selecionados e exibidos na Galeria Sesc Lajeado, no período de 16 de outubro a 01 de dezembro de 2019.

Os objetos de pensar, que compõem este livro, são apresentados em sua formatação original, conforme inscritos pelos autores, de modo a preservar as marcas do processo criador e autoral. A organização do livro também busca dar visibilidade aos diferentes contextos em que foram produzidos – atividades de pesquisa, de ensino e de extensão. Cabe ainda destacar que embora o objetivo principal deste projeto fosse o exercício de criação de objetos de pensar, acreditamos que o material produzido poderá ser utilizado como disparador para pensar a docência. Assim, fica o convite para desfrutá-lo de diferentes maneiras, em espaços diversos, com públicos variados.

Por fim, resta-nos agradecer: aos bolsistas do Grupo CEM que realizaram, de modo experimental, a curadoria da exposição; aos professores e estudantes que participaram da proposta; ao Sesc Lajeado, parceiro deste projeto, abrindo as suas portas e viabilizando a exposição Objetos de Pensar; e ao apoio da Univates, da FAPERGS e do CNPq, que possibilitaram a edição deste livro.

As organizadoras

Referências

FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. 33ª Bienal de São Paulo - Afinidades afetivas. Curadoria Gabriel Pérez-Barreiro. 7 set./9 dez. 2018. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2018. Disponível em: http://33.bienal.org.br/pt/sobre-a-exposicao. Acesso em: 25 nov. 2019.

LARROSA, Jorge (Org.). *Elogio da Escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LARROSA, Jorge. *Esperando não se sabe o quê – sobre o ofício de professor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen. *P de Professor*. São Carlos: Pedro & João, 2018.

PARA PROVAR DO FOGO (QUESTÕES, PÓS-PRODUÇÕES, MÚSCULOS)

"Let's start a fire
– It's like a big freight train"
Violent Soho, Saramona Said

Primeira questão: o que pensar quer dizer?

Em linhas gerais, pensar é instaurar uma perspectiva. Quem pensa inaugura um modo de perceber certas coisas, ou então inventa coisas e objetos, introduzindo assim um arranjo diferente na distribuição da realidade. Questão de sensibilidade, de construtivismo e de existência: quando penso, desloco o centro de gravidade dos modos de ser que me constituem. Assim, longe de configurar algo abstrato, o pensamento diz respeito ao corpo e aos sentidos. Os Beatles, por exemplo: pensadores de oito mãos cheias. Com eles, um novo universo sonoro é delineado, tornando possível o desenvolvimento de outros modos de ouvir, de dançar e de viver. Colhendo uma expressão na poesia de Oswald de Andrade (pensador e antropófago brasileiro feito Pau-Brasil), eu diria que, com a música, podemos aprender a atender ao "mundo orecular". O Jazz, o Samba, a Bossa Nova e a 9ª Sinfonia de Beethoven, o Blues, a Tropicália, o Maracatu e o Manguebeat, *all these and many others songs of freedom:* objetos sonoros de pensar.

Não pensamos a partir do nada, um disparo é sempre necessário. Gilles Deleuze (pensador e filósofo francês feito Torre Eiffel) chamava esses disparos de intercessores. Para pensar, dizia ele, é preciso encontrar intercessores, algo capaz de fazer a ponte entre o não-pensar e o pensar. Um intercessor é uma faísca. Tal qual a música, uma pintura, um livro ou um bom filme podem acender as ideias e preparar o caminho para que um novo pensamento possa surgir. Mas não só o cinema, a filosofia e a literatura produzem essas faíscas, assim como o pensamento não está limitado ao âmbito das artes, das ciências e da universidade. Uma pizza é um pensamento e tanto. Uma taça de vinho, uma bicicleta e um par de calças jeans também são. Poucos foram capazes de pensar tão bem quanto Pelé, Messi, Marta e Garrincha. O pensamento como drible. Aliás, o esporte nunca deixou de nos ensinar o quanto o pensamento tem a ver com o corpo. Quando paramos para assistir Usain Bolt e Eliud Kipchoge em movimento, vemos um modo único de relacionar tempo e espaço. Pensar como eles pensam é modelar o corpo para desempenhar tarefas impossíveis. Nadia Comăneci, Michael Jordan, Muhammad Ali: ela pensa, ele pensa e ele também. Porque o pensamento é sempre uma força presente, que dura mais que os atos e a vida daqueles e daquelas que o encarnaram. É como um grande trem de carga desgovernado.

Você simplesmente não pode pará-lo, nem voltar atrás em seus efeitos. Obra de mulheres e de homens, o que o pensamento quer é sair de casa e ocupar o mundo. O resto é história.

A presença de Mary Wollstonecraft, de Virginia Woolf, Nísia Floresta, Emmeline Pankhurst, Judith Butler e Simone de Beauvoir tenciona e faz com que o feminino não deixe de ser pensado; Angela Davis, Kimberlé Crenshaw, Frantz Fanon, Martin Luther King, Spike Lee, bell hooks, Sueli Carneiro, Grada Kilomba e os Racionais MC's nos fazem abrir os olhos para a interseccionalidade dos incontáveis sistemas de opressão que articulam raça, gênero e classe social; o pensamento fotográfico do vietnamita Nick Ut, disparado em 08 de junho de 1972, irá nos assombrar para sempre com a maldade humana e os horrores da guerra; a pedagogia libertadora de Paulo Freire é um elemento crítico ao qual nenhuma prática docente estará imune; com Freud, queremos tornar consciente o inconsciente; com Pina Bausch, criamos coragem e tiramos o desequilíbrio para dançar; *Dom Casmurro* é o pensamento-ciúme: sempre lá, à espreita; Macabéa é a vida ordinária, que é atropelada, tosse sangue e morre na calçada, ou então se torna música para ir morrer na contramão, atrapalhando: ( ) o tráfego ( ) o público ( ) o sábado. Somos pensados por todos os lados, de inúmeras formas, a todo momento.

Segunda: com quantos pensamentos se faz uma aula?

No limite, com todos. Assim como a morte de alguém é um pouco a morte de todo mundo, um pensamento é parte de um todo já pensado. Quando penso, insiro-me em uma onda preexistente, coloco-me em certa órbita pensante. É por isso que pensar é pertencer a uma linhagem, e o fundamental do pensamento é ser aceito por seu movimento. Criar um meio. Aulas nas quais se pensa são espaços povoados por vozes oriundas de todas as épocas, são vagas energéticas, testemunhos vitais. Assim como o vivo pode perder espaço para o não-vivo, o pensar sempre pode perder espaço para o não-pensar, para a repetição do mesmo, para a representação. Conhecemos bem esses momentos: o tédio de véspera, a persistente sensação de déjà-vu, o enfado, a imobilidade, o apequenamento da alma. Há sempre o perigo de que um dia, ou mesmo um planejamento inteiro de ensino, não seja mais que o mesmo. Porque pensar talvez seja o mais difícil, o ato mais arriscado.

A prática docente é sempre uma questão de ponto de vista, e o ponto de vista do pensamento é um ponto de vista criador, uma perspectiva que exige continuadamente a autoatualização e a reconfiguração do plano, e que não deixa de estabelecer novas regras para a relação pedagógica. Ensinar não é necessariamente pensar, porque ensinar pode ser apenas transmitir, de modo seguro, o que já se sabe. Da mesma maneira, aprender pode ser apenas assimilar passivamente uma informação recebida. Para que o pensamento seja possível, um "querer-pensar" deve estar presente, isto é, o preparo e a vivência da aula devem prever certa dose de desprendimento de si, de desapego das velhas certezas e dos hábitos seguros. Pensa-se sempre entre o que se é e o que ainda não está inteiramente dado, no limite entre o território seguro e o mero esboço de uma paisagem desconhecida. Não se trata exatamente de uma obrigação, mas tampouco é um simples capricho. Querer pensar é

antes uma escolha de estilo, o compromisso que posso assumir, enquanto docente, com meu trabalho. Desejar que a aula seja um espaço-tempo de pensar, planejá-la e vivenciá-la para isso, é também aceitar entrar no jogo, arquitetar a própria presença enquanto o testemunho de um pensamento em ato (mais que falar sobre aqueles e aquelas que pensaram, mais que discorrer sobre a importância do pensamento, colocar-se a pensar de fato, emitir sinais disso, delinear uma zona de ressonâncias).

Toda aula tem início com a indicação conhecida de um fim. No calendário estará sempre indicado o término do ano letivo ou do semestre de trabalho. É parte da natureza de nossa prática a repetição dos dias, dos encontros e intervalos. A docência e a aula pela qual ela é responsável são alguma coisa que se dá entre os distanciamentos e os retornos, o modo como o tempo concorre para a construção de novos saberes e para a modelagem de novas formas de viver-junto. Mais do que uma questão de ensino e aprendizagem, uma aula é um espaço relacional. Nela, sujeitos relacionam-se entre si, com a instituição que os envolve e com as partes do mundo compreendidas pela matéria com a qual se trabalha. Nesse meio, o pensamento é uma espécie de força potencial, uma reserva energética que podemos ou não escolher exercitar, construir ou não a possibilidade de aplicar sua força para um sentido ou outro. Pensar é um músculo. Estendê-lo ou distendê-lo, fortalecê-lo ou deixar que atrofie, são escolhas tanto didáticas quanto éticas e políticas: quem somos nós agora, e o que queremos com aquilo que fazemos?

Terceira: com quantos objetos se faz um pensar?

No mínimo um, mas este pode ser menos, dois ou mais. Parece-me que podemos tomar os objetos aqui oferecidos das mais variadas formas: de modo isolado, um por um, tal como foram propostos; por pedaços, fazendo uso de pinças ou cutelos, extraindo o que pode interessar de uns e de outros; cruzando-os, fazendo-os contaminarem-se entre si e por forças exteriores; tomando-os como matéria para outras produções, multiplicá-los, fazer o conjunto vazar. Eis uma dica: tomar como princípio organizador a aula, e não a disciplina. Circular pelas páginas de modo livre, a partir daquilo que se busca produzir em uma situação de ensino e de aprendizagem, tal como um ou uma chef que recolhe da prateleira os ingredientes necessários para seu trabalho. A oferta é ampla:

- plantas, artistas e filósofos;
- experimentos fotográficos;
- imagens e bagagens;
- exercícios de permanência, olhar, voo e desaparecimento;
- aprenderensinaraprender;
- tempos, caixas e roletas;
- palinhas, sólidos platônicos, torremotos e blackouts;
- letras e corpos;
- sonhos, jovens e bichos revolucionários;
- escolas (com e sem professores e professoras);

- questões sobre justiça e dilemas éticos;
- danças, garrafas, balancê, light lettering e euforia;
- desenhos, fios, tesouras, gestos, cacos e crochê;
- etc.;
- etc.;
- etc...

Pensar é também reciclar, deslocar, tomar para si o que foi sugerido por outro, imprimir a própria marca. Pensamento como reproposição, docência como pós-produção e, por consequência, a aula como caldeirão do futuro.

Mãos à obra, pois.

Cristiano Bedin da Costa
Professor do Departamento de Ensino e Currículo da FACED/UFRGS

Título: E se... A escola desaparecesse amanhã?
Autor(a): Suzana Feldens Schwertner
Espaço de criação: Grupo CEM

E se... a escola desaparecesse amanhã?

MATERIAL: folha de papel (tiras)
CARTAZ (cartolina branca) COM A SEGUINTE INSCRIÇÃO (em letras de caixa alta – fonte 72):

E SE A ESCOLA DESAPARECESSE AMANHÃ?
O QUE VOCÊ FARIA?

A orientação é que as pessoas respondam a esta pergunta escrevendo nas tiras de papel. Que não escrevam seus nomes, apenas a(s) resposta(s) à pergunta. E que adicionem as tiras de papel em uma caixa apropriada para tal.

O objetivo é produzir uma reflexão sobre o fim da escola (estrutura, forma, organização, funções das pessoas que ali circulam e trabalham), se ela desaparecesse, literalmente, amanhã – como se fosse engolida pela terra, tragada por um redemoinho.

O que se faria sem a escola?

Título: Pontos, retalhos e criações do pensamento
Autor(a): Alunas da Sociedade Lajeadense de Atendimento à Criança e ao Adolescente - SLAN - Centro Nora Oderich - Lar das Meninas
Professor(a)/Orientador(a): Cláudia Inês Horn e Beatriz Rossi
Espaço de criação: Projeto de Extensão Pensamento Nômade; Disciplina Ergonomia na Moda - Univates

Pontos, retalhos e criações do pensamento

Evite ler primeiro as instruções.
Faça isso depois.
Inicialmente, aprecie as bonecas.
Não queremos que este manual de instruções já esteja infectado.
Não desejamos que este manual de confecção interfira no seu modo de ver este produto.
Produto? Talvez sim!
Aqui, apresentamos um produto.
Produto que passou por um criativo processo de produção.
Intraduzível? Indizível? Talvez sim!
As palavras postas aqui, podem ser falsas, podem desobedecer o gesto, o fazer, a experiência.
Assumimos este risco.
Passemos, agora, a compreender a produção.
O passo a passo:

1ª OFICINA: Confecção dos moldes.
MATERIAIS NECESSÁRIOS: linhas, agulhas, tesouras, papel para moldes, tecido de algodão cru, fibra para enchimento.
DESENVOLVIMENTO: Cada menina rabiscou o molde do corpo de sua boneca no papel. Riscou, apagou, refez. Ficou pronto. Uma emprestou para a outra. Foi riscado no tecido, duas vezes. Agora sim, era oficial.
Corte. Recorte. Costura. Enchimento.

2ª OFICINA: Construção de sensibilidades.
MATERIAIS NECESSÁRIOS: linhas, agulhas, tesouras, tecidos coloridos.
DESENVOLVIMENTO: Corpo da boneca construído. Necessário dar vida à ela. Quem é? Como se veste? O que faz? Do que mais gosta? Qual a sua relação comigo mesma? Perguntas que deram vida às bonecas – sensibilidades. Outra vez: riscar, apagar, refazer, cortar, recortar, costurar, emprestar. Construir roupas, trajes, vestimentas. Ficou pronta. Uma boneca com sensibilidades. Sensibilidade, ao menos, na produção! Você, leitor, percebe tais sensibilidades?

3ª OFICINA: Produção de gestos mínimos.

MATERIAIS NECESSÁRIOS: linhas, agulhas, tesouras, tecidos coloridos, materiais diversos como: lã, lantejoulas, cola brilho, caneta de tecido, botões, entre outros.

DESENVOLVIMENTO: Corpo e vestimenta construídos. Isso, não basta. Seria preciso produzir gestos mínimos para aquele corpo. O que pode este corpo? O que ouve? Como fala? Como se expressa? Quais os significados que dá ao mundo? E às pessoas deste mundo? Outra vez: riscar, apagar, refazer, cortar, recortar, costurar, emprestar. Construir rosto, expressão, acessórios. Ficou pronta. Uma boneca com gestos. Gestos mínimos que possibilitam pensar sobre nós mesmos, sobre aquilo que fizemos de nós mesmos, sobre aquilo que fizeram de nós, sobre àquilo que está acontecendo com os humanos.

Título: Artista está presente
Autor(a): Gabriel Bavaresco
Professor(a)/Orientador(a): Suzana Feldens Schwertner
Espaço de criação: Grupo CEM

Artista está presente

Filme: "A artista está presente" - Marina Abramovic

(I) MATERIAIS:

- 2 cadeiras
- 1 mesa
- 2 envelopes
- Folhas em branco
- Caneta
- Imaginação
- Memória
- Afetos

Como funciona:
Uma cadeira estará de frente para outra, divididas por uma mesa. É importante que a cadeira, que ficará "vazia", esteja na frente de uma parede branca. Na mesa, estarão dois envelopes que serão usados pelxs professores. Dentro de cada um deles estará a orientação da atividade. Embaixo da mesa, estarão folhas em branco e a caneta para uso dxs professorxs.

Envelope 1:
"Seja bem-vindo a um encontro.

Entretanto, esse não será um encontro comumente conhecido pelas pessoas.
Será um encontro diferente, desafiador, e por que não, proveitoso?
O parceiro para esse momento será você,

o silêncio,
a cadeira,
o "nada"

E suas memórias.
A sua imaginação.
Os afetos que você viveu e que transformaram o modo como vê o mundo.

E por que você foi convidado para esse momento?
Por que acreditamos que o professor é um inventor da sua prática.
É o condutor de muitas viagens.
É aquele que, por anos, de muitas pessoas, se tornou a referência de sabedoria, da descoberta, do questionamento que leva ao movimento.

Para considerar a potência da sua atuação enquanto docente, de sua figura inspiradora para os jovens que convivem com você diariamente, te convido a fazer uma viagem.

Uma viagem para quando você foi o sujeito em processo de aprendizagem.
Para quando você esteve em contato com figuras que te inspiraram e, de certa forma, influenciaram a forma como você atua profissionalmente hoje em dia.

Frente à isso, te convido para esse desafio:
Na cadeira da sua frente, convide para sentar a pessoa que te inspirou a ser a(o) docente que és hoje.
Projete nesse espaço vazio a figura,
os detalhes,
o modo de falar,
as frases de sabedoria que te tocaram e que te acompanham até hoje.

Passe um tempo com essa pessoa.

Relembre os momentos que te marcaram enquanto estudante, e pense como essa pessoa te inspirou a exercer sua profissão.

Quando estiver devidamente acompanhadx, sinta-se convidadx a abrir o envelope de número 2".

Envelope 2:

"Se permitir ao vazio é um sentimento muito estranho, mas que pode ser valioso quando estamos, mesmo que em pensamento, bem acompanhados.

Você e seu parceiro estão tendo um bom momento até agora?

Espero que sim.
Portanto, lhe apresento a tarefa desse segundo envelope:

Marque esse momento de diálogo na sua memória, materializando essas lembranças e sentimentos que emergiram nesse encontro.

Escreva uma carta para essa pessoa que está sentada na sua frente.

Marque os aspectos que você lembrou, as vivências que teve com essa pessoa, e no final, reflita como esse sujeito te inspirou a exercer o seu modo de docência.

Você pode guardar essa carta como uma lembrança, que te remeterá aos momentos que iniciou a sua prática profissional, que ajuda a detalhar essa trajetória de muitos aprendizados e vivências potentes com os seus estudantes.

Caso preferir, entregue a carta para essa pessoa.
Considere como uma forma de agradecimento pelas inspirações e marcas de uma prática docente que te acompanham até hoje.

Como ação para o futuro, pense na forma como você está sendo a pessoa de inspiração para os seus estudantes.
Pense nos aspectos que os estudantes reconhecem em você como inspirador.
Pense nas memórias que está deixando cotidianamente nos seus companheiros de viagem.
Possivelmente você será convidado para um novo encontro, mesmo que seja em pensamento".

Referências:

A ARTISTA está presente, retrato da alma. Direção de Matthew Akers. Nova Iorque: Show of Force Productions, 2012.

Título: *Sou*
Autor(a): Francieli Karine Dos Santos
Professor(a)/Orientador(a): Morgana Domênica Hattge
Espaço de criação: Grupo CEM

Sou

Eu sou a diferença
Eu sou a anormalidade
Eu sou a inclusão
Eu sou diferentes histórias

Eu pertenço à escola
A escola me pertence
A escola me acolhe
A escola me educa

Sou o aluno
Sou o que deseja
Sou o que sente
Sou o que sofre e o que
aprende

Sou a natureza
Sou a fotografia
Sou a comparação
Sou a transformação

E você? Quem é?

Há fotos espalhadas pela
escola...

Observar e escutar o incomum;
conversar e trocar, será?

O poema acima pode ser impresso em formato de marca página, podendo ser entregue aos docentes. As imagens abaixo, são sugestões de imagens que podem ser espalhadas pela escola podendo ser acrescentadas outras.

Fonte: Da autora.

Título: Imagens que habitam nosso pensamento
Autor(a): Ana Julia Becker
Professor(a)/Orientador(a): Angélica Vier Munhoz
Espaço de criação: Grupo CEM

Imagens que habitam nosso pensamento

IMAGEM DOGMÁTICA:
"Clichês anônimos que circulam no mundo exterior, mas também que penetram em cada um e constituem seu mundo interior, de modo tal que cada um só possui clichês psíquicos dentro de si, através dos quais pensa e sente" (DELEUZE, 1985, p. 255).
(Estará em forma grande, colado no quadro ou em algum local, para que todos os professores leiam ao mesmo tempo).

Imagem que estará colada ao lado da frase de Deleuze

PARA VOCÊ COMO SERIA UMA SALA DE AULA FORA DOS CLICHÊS?

espaço para desenho

PASSOS:

1° passo - Leitura do que é imagem dogmática/visualização da imagem;
2° passo - Tempo para pensar e compreender;
3° passo - As professoras vão até as classes, local onde está a pergunta e a folha em branco para desenhar;

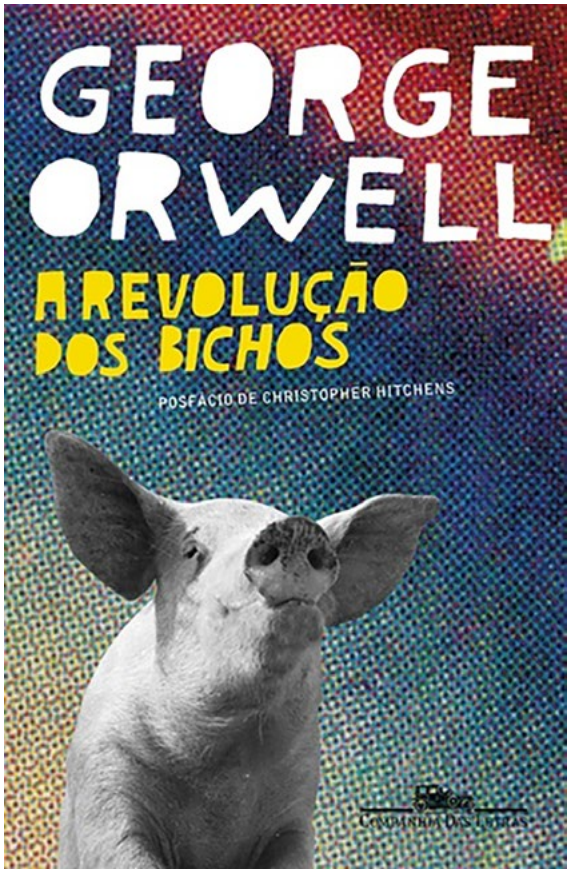
Referências:

DELEUZE, G. *A imagem - tempo*. Editora brasiliense: São Paulo, 1985. Tradução Eloisa de Araújo Ribeiro.

Título: Escola na revolução
Autor(a): Ana Carolina Breitenbach Rodrigues
Professor(a)/Orientador(a): Fabiane Olegário e Angélica Vier Munhoz
Espaço de criação: Grupo CEM

Escola na revolução

"O livro é uma sátira ácida das práticas do ditador Joseph Stálin e da própria história da União Soviética, feito por um socialista democrático crítico ao que o regime instituído pela Revolução Russa se tornara". (Revista Galileu online, disponível em <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2016/08/5-licoes-que-revolucao-dos-bichos-nos-ensinou.html>



O livro "Revolução dos bichos", já em seu título, entrega parte de sua premissa, uma revolução feita apenas por animais de fazenda que, cansados de servir aos propósitos dos proprietários, decidem tomar o poder das mãos do fazendeiro. Assim, como na Revolução Russa, as coisas acabam tomando um rumo deturpado, com uma hierarquia na qual os mais inteligentes comandavam, os abusos de poder se tornavam rotina contra aqueles ditos menos cultos.

Instruções para começar uma revolução:

1- Sente em grupos e simule a primeira reunião de uma Revolução. Elabore cartazes com suas reivindicações: o que você pensa que deveria mover uma Revolução? Se a escola é formadora de pensamento crítico, como podemos pensar a importância do professor e da instituição escolar dentro de uma revolução? E o estudante?

2- Procure pousar a sua atenção e estender a sua escuta, onde quer que esteja. Tenha sempre presente que a observação será fundamental para iniciar uma revolução.

3- Como pensar em uma reunião que alcance as metas:
a) trace as metas da reunião.
b) crie um espaço que privilegie o olho no olho.

4- Como construir um objeto útil à Revolução?

Reflexão final: **Uma aula pode ser o início de uma revolução? Como seria essa aula?**

Referências:

ORWELL, G. *A revolução dos bichos.* Companhia das letras: São Paulo, 2007. Tradução Heitor Aquino Ferreira.

VAIANO, B. *5 lições que "A Revolução dos Bichos" nos ensinou.* Revista Galileu, 2016. Disponível em <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2016/08/5-licoes-que- revolucao-dos-bichos-nos-ensinou.html>

Título: Docência em tela
Autor(a): Jeferson Cristian Zick Camargo
Professor(a)/Orientador(a): Angélica Vier Munhoz
Espaço de criação: Grupo CEM

Docência em tela

A composição do objeto passa por três momentos:

- O primeiro movimento é direcionado à Tela 1. Pensar a docência como arte, pois a arte não se manifesta apenas em espaços específicos, não se dá apenas nas telas dos artistas. O que o docente faz também pode ser arte.
- O segundo movimento é o momento de expressão: coloque na Tela 2 aquilo que caracteriza a docência para você.
- O terceiro movimento ocorre a partir do material colocado na Tela 2. Comente o que você expressou na tela.

Tela 1	Tela 2
Isso é uma tela. Você é arte.	

Título: *N's*
Autor(a): Bruno Mallmann Cavalheiro
Professor(a)/Orientador(a): Angélica Vier Munhoz
Espaço de criação: Grupo CEM

N's

Os participantes irão passar por algumas sessões de reflexão. Ambiente: Luzes verdes, muitas plantas espalhadas pelo local do "objeto de pensar", som ambiente de selva com barulho de vários animais, água, vento e afins. A atividade é autônoma, isto é, não haverá explicação sobre o que deve ser feito, entende-se que deve seguir o caminho e refletir nas sessões de reflexão. O "não participar" de tudo também faz parte do objeto, principalmente na primeira sessão. No primeiro momento pode-se observar o objeto como um todo, sendo ou não, perceptíveis as partes, depende da singularidade de cada olhar. Após, os professores seguem e passam por diversos papéis pendurados por fios azuis, imitando a chuva. Podem ser de vários tipos e tons, os papéis estarão dobrados e serão dos mais diversos tamanhos, cores e afins. Na frente de todos, há uma folha "EU?", esta estará pendurada por dois fios, visto que é do tamanho de uma A3. No caminho abaixo dos papéis haverá papel celofane azul e branco, imitando a água, deve, também, ter espaço para circulação. Quando desdobrados os papéis, encontra-se diversos objetos e frases. Os objetos devem ser de diversas texturas, tamanhos, formas e funcionalidades distintas como:

1. Esponjas manchadas de tinta;
2. Tecidos dos mais diversos tipos (cores, tons, texturas, cortes...);
3. Folhas de árvores grampeadas, coladas, grudadas... (secas, verdes, furadas...);
4. Flores de vários tipos;
5. Uma tira de folha branca;
6. Caco de espelho;
7. Fios de vários tipos, cores, tons...

As frases são:

1. "Eu? Eu tive apoio da minha família e consegui abrir uma microempresa"
2. "Eu? Eu vi minha mãe ser violentada pelo meu avô e nunca consegui superar"
3. "Eu? Eu consegui ajuda da minha dinda e terminei a faculdade"
4. "Eu? Eu fui abusado pelo meu pai durante 15 anos. Encontrei ajuda e hoje retribuo àqueles que também passaram por isso"
5. "Eu? Eu tenho uma família linda: 2 filhos, 3 cachorros, 1 gato e minha casa própria"

6. “Eu? Eu ajudo pessoas a seguirem carreira na moda”
7. “Eu? Eu roubei. Não tinha comida, meus filhos estavam chorando”
8. “Eu? Eu faço mochilão duas vezes por ano, já passei por todos os continentes”
9. “Eu? Eu matei. Ela não me respeitava, parecia uma prostituta com os amigos”
10. “Eu? Eu ainda cuido da minha mãe. Ela não conseguia ir na reuniões, ficava triste porque sempre era exposto por isso”
11. “Eu? Eu consegui morar no exterior com meu amigo”
12. “Eu? Eu morri.... Num vazio, pulei”
13. “Eu? Eu dou aulas e sigo ótimos exemplos”
14. “Eu? Eu vendo drogas, preciso pagar o tratamento do meu pai”
15. “Eu? Eu faço teatro e vivo um sonho”
16. “Eu? Eu luto pelos direitos humanos dentro do congresso nacional”
17. “Eu? Eu estuprei”
18. “Eu? Eu não existo, fico deitado e, às vezes, ganho uns trocados, outras, porrada”
19. “Eu? Eu me assumi. Eu morri”
20. “Eu? Eu me assumi. Eu tive amor dentro de cas”
21. “Eu? Eu sou feliz”
22. “Eu? Eu, como sempre, somente existo”
23. Eu? Eu canto e sou aplaudido de pé por milhares de pessoas”
24. “Eu? Eu consegui, junto com alguns amigos, abrir um abrigo para cuidar dos animais abandonados”
25. “Eu? Eu luto por um país melhor, eu defendo que: bandido bom é bandido morto”
26. “Eu? Eu faço descobertas”
27. “Eu? Eu acho que cota racial é bobagem, o maior preconceito”
28. “Eu? Eu luto para que todos tenham educação e acesso à informação”
29. “Eu? Eu me descobri uma pessoa diferente de antes, provavelmente não me reconhecerá”
30. “Eu? Eu pinto quadros. Decidi que os sentimentos bons devem ser compartilhados”
31. “Eu? Eu monto jardins. Nada melhor que reunir diferentes vidas num mesmo espaço”
32. “Eu? Eu nunca existi, porque a curiosidade agora?”

Após essa parte, haverá espelhos pendurados com uma frase em cima:

“Quantas vezes por semana esses papéis viam esse rosto?”

Por fim, haverá classes e cadeiras uma ao lado da outra, uma folha onde estará escrito, “faça um símbolo que te represente no local indicado, responda, dobre a resposta para trás e passe para o lado, faça isso até a sua folha retornar à tua mesa e, após, desdobre

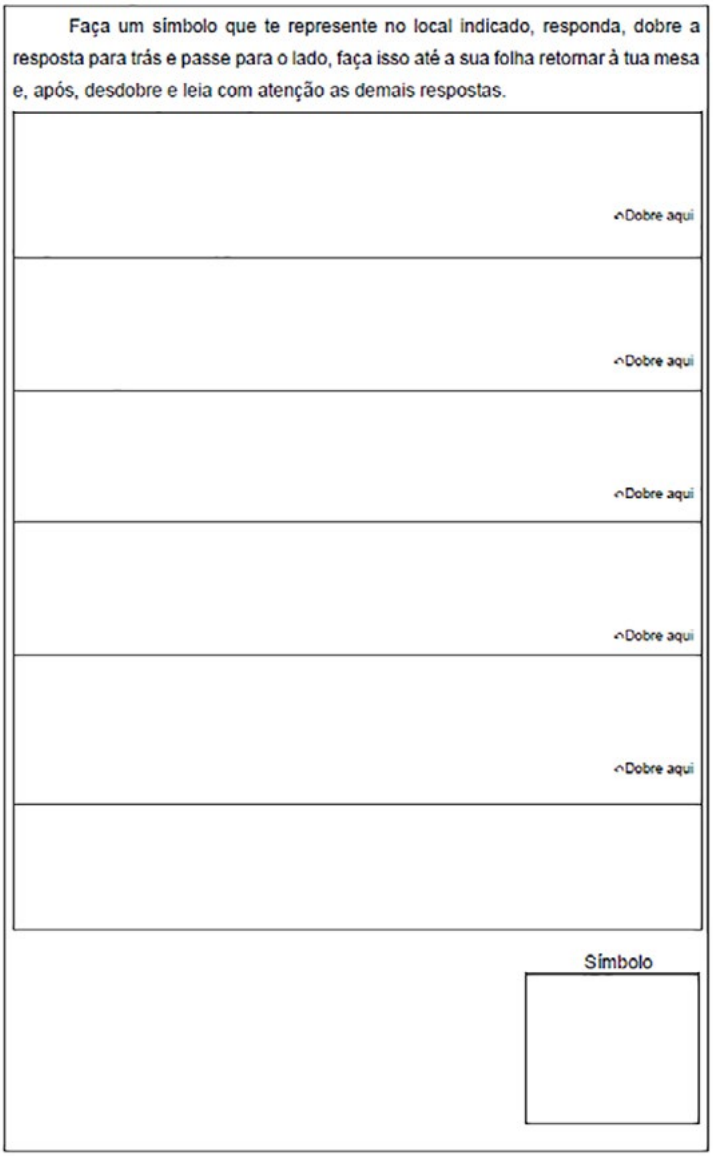
e leia com atenção as demais respostas", e um lápis de escrever. Antes das classes e cadeiras para sentar, haverá, também, uma folha com algumas explicações sobre essa etapa:

"Sente-se, leia a folha que está em cima da mesa. Responda, por escrito, apenas a primeira questão. Quando todos tiverem respondido e o comando da folha realizado, a pessoa que está na mesa no1 retira a 1a plaquinha e senta-se novamente; após 1 minuto a pessoa que está na mesa no2 retira a 2a plaquinha e senta-se novamente"

Um questionamento a frente de todos: "Em uma frase escreva: no que eu sou bom (verificar o questionamento)?"

Quando o papel retornar à mesa de origem, o participante desdobrará e lerá todas as respostas. O questionamento a frente de todos muda para "Tu és bom em tudo isso?", após alguns segundos muda novamente "E vossos estudantes?". Essas questões poderiam estar num notebook ou tablet e mudadas à distância por um "bip" que há em uma das meses ou então pode-se confeccionar com madeira um suporte onde encaixa-se as plaquinhas, que facilita a remoção destas.

Folha das mesas:



Título: A poética dos 20 segundos
Autor(a): Odair José Carvalho Dos Santos
Professor(a)/Orientador(a): Cristiano Bedin da Costa
Espaço de criação: Disciplina Docência e Pesquisa: Aula, Método, Educador - Faculdade de Educação/UFRGS

A poética dos 20 segundos

Objetivo:

Exercitar a produção de outros modos de olhar, e de olhar à si. Dar atenção ao que pensamos. Dizer-se de outro modo.
Estimular o protagonismo dos sujeitos
Exercitar os sentidos.
Entender os conceitos de Studium e Punctum propostos por Roland Barthes em "A Câmara Clara."

Reflexões:

Fotografar é congelar uma perspectiva entre inúmeras possibilidades. Registrar o visível para o visível e poder pensar o invisível (Subjetivo).

A fotografia é apenas um canto alternado de
"Olhem", "Olhe". "Eis aqui"
Roland Barthes

A fotografia é o movimento de um olhar sobre uma perspectiva. É um exercício de um novo ver que possibilita um novo pensar. O pensamento se renova.

O recorte do instante potencializa o foco. Ver menos possibilita ver melhor. Olhar o que nos é familiar com estranhamento , um outro olhar.

Nesse sentido, Barthes propõe dois conceitos acerca da fotografia.

Punctum é o que nos atinge, nos transpassa, nos fere como flexa. É algo que não pode ser escrito nem nomeado.

Studium é da ordem natural da imagem. Objetivo e contexto da produção. É do senso comum.

Este trabalho é documental, mas também poético. É uma narrativa visual que emociona e aviva os sentidos.

Através da técnica de fotografia de longa exposição, que possibilita o registro do movimento de um ponto de luz durante um determinado tempo, nessa proposição de 20 segundos, encontramos um registro individual e único.

Metodologia:

O método consiste no convite à professores e alunos para interagir na produção de imagem pela técnica de fotografia de longa exposição. Durante 20 segundos o ponto de luz deve ser movimentado de acordo com a vontade do indivíduo. Nesse tempo o receptor captará o movimento dessa luz.

A imagem obtida, deve receber um título sob responsabilidade do autor. Esse desafio de intitular a imagem é um movimento de olhar e olhar-se. Problematizar a construção dos sentidos.

Essa imagem poderá ser projetada na parede do lugar instantaneamente ou impressa para expor em lugar próprio.

Materiais:

- Um Tablet ou um smartphone com o aplicativo instalado (LongExposureCamera).
- Mini tripé para celular ou tablet.
- Projetor ligado ao dispositivo.
- Bastonetes fluorescentes para gerar o ponto de luz. Apenas a Ponta do bastonete deve ser manuseada para ativar a luminosidade e dar o efeito de ponto de luz na imagem capturada.

Proposta de Trabalho:

1) Em Grupo:

A proposta é sugerir que todos façam sua imagem (fotografia de longa exposição), manipulando o ponto de luz, de acordo com sua vontade, durante 20 segundos. Em seguida, discutir como foi a experiência de desenhar no ar, sem saber o desenho que está sendo construído.

Com as imagens em mãos, todos são convidados a dar um título para sua foto, de acordo com a sua proposta de desenho.

Trocar as imagens entre eles, e sem ver o título do criador da imagem, observar a fotografia e dar um título de acordo com o que a imagem lhes passa. Qual título ficaria bom para aquela imagem.

Comparar os títulos dados para a imagem.

Fazer uma reflexão sobre Studium e Punctum (Conceitos de Barthes).

2) Exposição:

Na Exposição, a proposta é colocar o receptor de imagem no meio da sala escura, ligado ao projetor.

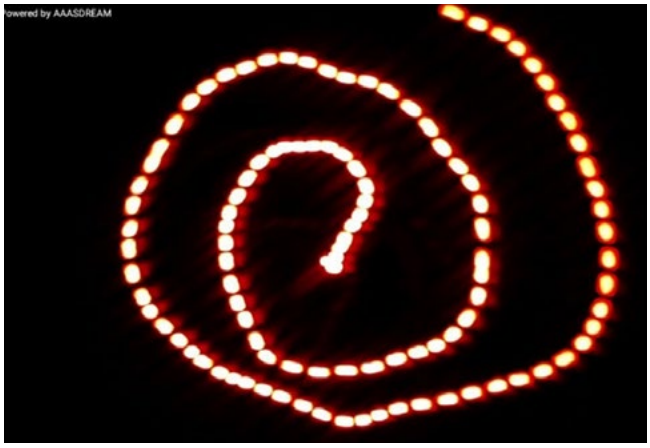
Os visitantes são convidados a fazer a sua imagem. E será exposta automaticamente no projetor.

Nas paredes algumas produções de docentes e alunos podem ser expostas.

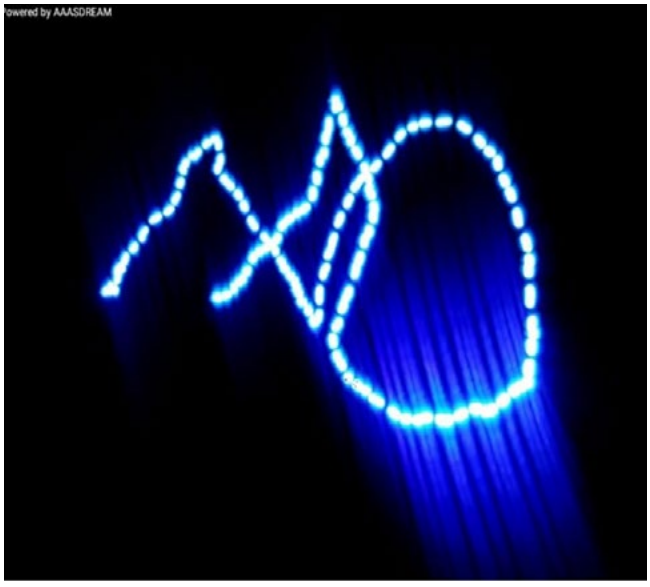
Alguns exemplos de imagens feitos por docentes e alunos, com seu título:

Começo.

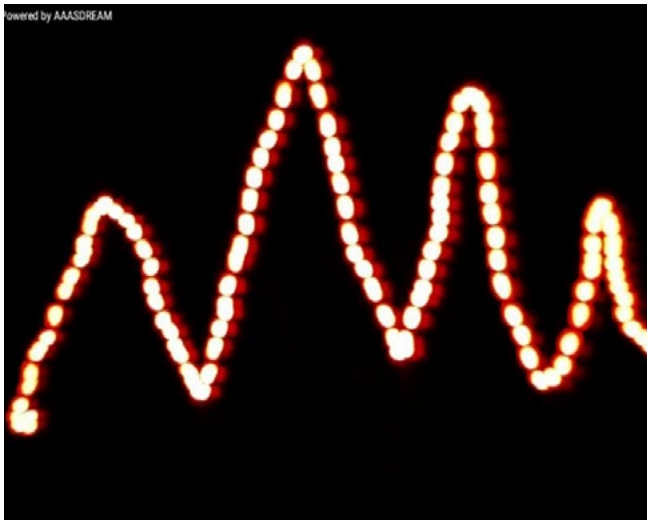
Imaginação.



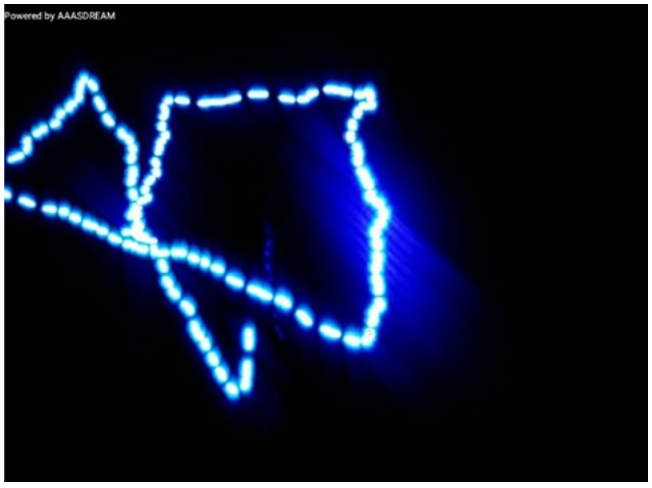
Caminhos.



Vírus.



Altos e baixos.



Toc.

Amor flutuante.

Referências:

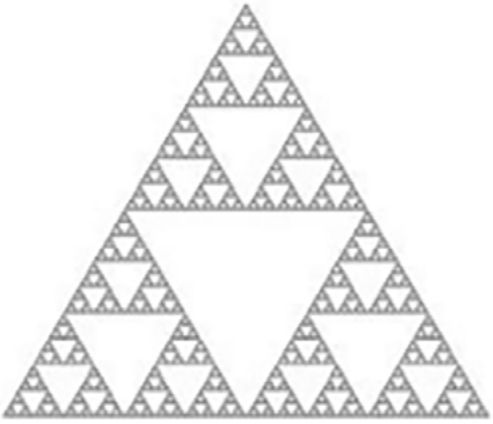
BARTHES, R. *A Câmara Clara*: Nota sobre a Fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

Título: Filosofador
Autor(a): Eduardo da Costa Bruxel
Professor(a)/Orientador(a): Suzana Feldens Schwertner
Espaço de criação: Grupo CEM

Filosofador

O filosofador é a ideia de um objeto com elementos que levam as pessoas a pensar. Não é um projeto terminado, pois está em permanente (re)construção. Esta versão é uma caixa pentaédrica, de topo e base triangulares e três laterais retangulares, contendo duas portas, dois botões deslizantes, um compartimento secreto e uma roleta-relógio de um ponteiro e números romanos. A Porta da Profanação é adornada por um triângulo de Penrose e se abre para um conjunto de bilhetes contendo aforismos, dilemas e provocações. A Porta da Metafísica é adornada triângulo de Sierpinski e se abre para um conjunto de bilhetes contendo conceitos, metáforas e paradoxos.

Porta da Metafísica



Triângulo de Sierpinski

Porta da Profanação

Triângulo de Penrose

INSTRUÇÕES DE USO

Recomendações

1. Sorteie uma porta girando a roleta com um peteleco.
2. Retire um bilhete da porta sorteada.
3. Selecione um instrumento de acordo com o seu entendimento sobre o assunto do bilhete.
4. Selecione uma medida de tempo de acordo com o seu interesse pelo conteúdo do bilhete.
5. Sorteie um número para definir a quantidade de tempo a ser dedicada.
6. Memorize as informações e coloque a ficha de volta no filosofador.
7. Filosofe sobre a temática do bilhete de acordo com o tempo e o instrumento determinados.

Restrição

Não defenestrar o filosofador.
Não olvidar do filosofador.

Regra

Não existem regras para usar o filosofador.

Título: Escola sem professor
Autor(a): Sofia Spellmeier
Professor(a)/Orientador(a): Angélica Vier Munhoz
Espaço de criação: Disciplina Seminário VI - Educação, saber-poder e processos de subjetivação - Curso Pedagogia/Univates

Escola sem professor

Observações e conversas discutem um tema um tanto peculiar...
Até que ponto é tão essencial assim?
Na maioria das situações tão pouco valorizados.
Nada freia a intensa vontade que os move.
O gosto em presenciar a evolução.
Sorrisos verdadeiros.
Carinho compartilhado.
Conhecer.
Conviver.
Amparar.
O brilho nos olhos pela conquista do outro.
Questionadores ou limitadores do saber?
Ensinam...
Uma forma diferente de ver o mundo...
Ou até uma forma diferente de viver neste mundo...
Sonham para si mesmos e para todos que os rodeiam.
O ambiente estaria completo sem eles?
Seria possível?
De que forma aconteceria?
Ajude-me com tantas inquietações...

1. A escola sem professor é possível? Se você achar que não, pare por aqui. Se achar que sim, prossiga com as questões abaixo:
2. Qual seria a sua forma?
3. Como seria seu ambiente?
4. Quais alunos atenderia?
5. Poderia ser utilizada no Brasil?
6. Os alunos teriam liberdade? De que forma?
7. Coletividade? Individualismo? Que caminho seguir?
8. Ao final da reflexão, repense a primeira questão.

Título: Artística docência
Autor(a): Bianca Isabel Pederiva
Professor(a)/Orientador(a): Suzana Feldens Schwertner
Espaço de criação: Grupo CEM

Artística docência

Transforme sua experiência em arte. Um imperativo, e nele a experiência, ou um determinado tipo de experiência. Uma convocação para que a arte, ou isso que contemporaneamente ou quase descuidadamente chamamos de arte, imbrique-se nas nossas experiências de vida. O que isso teria a ver com a nossa formação, ou com a educação?
(LOPONTE, 2013, p. 12).

Pela arte, transforme a distância em potência.
O tempo e espaço que o artista tem para criar a obra
O tempo e o espaço que o estudante tem para viver a vida
O traçado que permite suspensão
O traçado que permite

Amplie o traçado
O transforme em possibilidade
Diminua o traçado
O transforme em possibilidade

Pois a artística distância das artes e da educação
Como suspensão, como potência, como experiência
É uma distância de si ao encontro de si mesmo
É um tempo e espaço onde cada traço é um potencial de linha

Linhas tortas, linhas retas, linhas oblíquas
Linhas que transcendem encontros
Entre artistas e obras, estudantes e vidas
Intercambiando posições e criando novas maneiras de traçar
De existir

Qual distância traçamos entre a arte e a educação?

Instruções para transformar sua experiência em arte:

1. Com os materiais disponíveis, trace a docência.

Instruções para transformar a distância em potência:

1. Usando seu corpo e distanciando-se de sua obra, expresse a distância que você acha existir entre arte e docência.
2. Com os materiais disponíveis, trace uma docência artística.
3. Aproxime-se de sua primeira obra, levando consigo a segunda.
4. Contemple suas obras.

Instruções finais: Com o tempo e o espaço restante, imbrique-se da experiência.

Referências:

LOPONTE, L. G. Arte para a docência: estética e criação na formação docente. *EducationPolicyAnalysisArchives*, Arizona, v. 21, n. 25, mar. 2013. Disponível em: <https://epaa.asu.edu/ojs/article/view/1145/1083>. Acesso em: 16 ago. 2019.

Título: O permanecer incansável
Autor(a): Tainara Maria Sargenheski
Professor(a)/Orientador(a): Angélica Vier Munhoz
Espaço de criação: Disciplina Seminário VI - Educação, saber-poder e processos de subjetivação - Curso Pedagogia/Univates

O permanecer incansável

Respire e imagine algo que penetra o cotidiano de todos os seres humanos de forma igual durante todos os instantes de sua vida. Guarde para si suas ideias.

Vá a um lugar aberto, respire fundo, levante sua cabeça e admire a beleza do céu. Sim! O céu! Nosso maior associado durante nossos dias como indivíduos nesse planeta que nem sempre lhe dá o reconhecimento que merece.

Fotografe seu companheiro durante 15 dias no mesmo horário e lugar. Quando obtiver todas as fotos, as imprima ou revele (como sentir-se mais à vontade), monte um varal em um lugar que lhe cause uma sensação de inércia, conforto e equilíbrio. Observe! Reflita!

Houveram mudanças? Qual a sensação de observar algo que passa despercebido pela sociedade líquida? Faça relações com suas formas de viver. Pense sobre as verdades prontas.

No final do seu varal, escreva com poucas palavras, em um post-it uma reflexão sobre essa experiência.

Título: O que carregas na tua bagagem?
Autor(a): Tauana da Rosa Dutra
Professor(a)/Orientador(a): Angélica Vier Munhoz
Espaço de criação: Disciplina Seminário VI - Educação, saber-poder e processos de subjetivação - Curso Pedagogia/Univates

O que carregas na tua bagagem?

Procedimentos e Recursos:

- Fotografar imagens do cotidiano da escola (o fotógrafo deverá agir sutilmente)
- Ter em mãos barbante, mala pequena ou baú pequeno.
- Agrupar algumas fotografias reveladas.

Com o barbante, amarre os nomes dos participantes na fechadura da porta.

Passe o barbante pela sala e em meio a ele, convide os participantes a caminhar, tocar, sentir, até encontrar uma pequena mala. Abra a mala e encontrará fotografias. Manuseie as fotografias, lentamente.

Na parte inferior da mala você encontrará um manual com as seguintes orientações:

Feche os olhos e veja a si mesmo

Como chegou aqui? O que o trouxe?
Quais as bagagens que te formam?
Alguma dessas fotografias te compõe? Carregas elas na tua bagagem?

Título: Torremoto interior
Autor(a): Suzana Feldens Schwertner
Espaço de criação: Grupo CEM

Torremoto interior

> "Há pequenos episódios que podem mudar a vida de uma pessoa e, por meio dela, a vida de muitas outras. Podem ser situações aparentemente banais, coloquiais e sem maior transcendência que, em qualquer momento, passariam despercebidos, mas que, em determinadas circunstâncias da vida de uma pessoa, nesse momento kairós em que se apresentam, ocasionam um terremoto, fazem com que tudo mude de lugar, de posição, de estado" (p. 29).

Kohan (2013), no livro O MESTRE INVENTOR – RELATOS DE UM VIAJANTE EDUCADOR, narra a trajetória de um inquieto educador caraquenho chamado Símon Rodríguez. A partir de suas viagens pelo mundo, onde foi estudar línguas e investigar os sistemas de educação, propondo a criação de escolas para a América, se encontra com o pequeno Thomas na Jamaica, criança de rua, excluída da escola, que propõe uma solução para um enigma que ele vivenciava com estudantes. Kohan caracteriza esta experiência como "terremoto": "Uma experiência de vida que impede seguir pensando como se pensava, viver como se vivia. Uma vida se encontra com outra vida e a chama a recriar-se, reinventar-se" (KOHAN, 2013, p. 23).

A partir da "experiência terremoto", indicada por Kohan, elencar um "ACONTECIMENTO RADICAL" na sua vida profissional docente que lhe modificou, desnaturalizou o olhar para algo que era até então realizado (em sala de aula, na relação com colegas, no espaço da escola) e que resultou em algo como "[...] já não pode mais pensar do modo como pensava, já não pode mais ir para a escola como ia antes" (p. 35). Inicialmente, compartilhar esta experiência com um colega e em seguida produzir, em folhas com tamanho de cartão postal, um desenho/uma imagem e algumas palavras que apontem para este "torremoto interior". Apresentar ao grupo sua produção, contando sobre este acontecimento radical.

Referências:

KOHAN, W. O. *O mestre inventor:*relatos de um viajante educador. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

Título: Encorajar voos, desconstruir gaiolas
Autor(a): Marjana Baggio
Professor(a)/Orientador(a): Fabiane Olegário
Espaço de criação: Grupo CEM

Encorajar voos, desconstruir gaiolas

"Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados têm sempre um dono. Deixaram de ser pássaros, porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar.
Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado."

(ALVES, R. *Gaiolas ou Asas. A arte do vôo ou a busca da alegria de aprender*. Porto, Edições Asa, 2004)

Professores, em pequenos grupos, reflitam e discutam sobre o fragmento de Rubem Alves e sobre as imagens dispostas neste local. Pense na escola que você atua, nos alunos que ela habita.

Para vocês, o que são gaiolas na educação?
Nossas escolas podem ser gaiolas ou podem ser asas?
Nossas escolas encorajam o voo de seus alunos ou controla?

Com os materiais disponíveis, através de desenhos, imagens, palavras, frases, versos, sentenças, locuções, termos, falas, discursos, fantasias, sonhos... e o que mais emergir de seus pensamentos, concretize o que foi discutido e crie o que poderia ser uma escola livre, uma escola que é "asa".

Apresente e compartilhe com o grande grupo.

Imagens:

Fonte: https://wsimag.com/pt/arte

Título: O tempo…
Autor(a): Raquel Thaís Arcari
Professor(a)/Orientador(a): Angélica Vier Munhoz
Espaço de criação: Disciplina Seminário VI - Educação, saber-poder e processos de subjetivação - Curso Pedagogia/Univates

O tempo...

Se o tempo saísse do relógio…
Se o cronômetro não fizesse parte dos minutos e horas..
Se a nossa vida não girasse em relação ao tempo..
Se não dependêssemos de tempo..
"Hora marcada", "tempo pra terminar", "cuidar pra não chegar atrasado", "enviar e-mail até 00:00", "passou uns minutinhos", passou a vida inteira... A gente dá tempo pro tempo e depois o tempo passa e não devolve o tempo pra nós!

E se o tempo não fosse medido cronologicamente... **Se fosse medido em metros:**

Quantos metros (tempo) de vida você teria?
Quantos metros (tempo) dedicaria para o trabalho?
Seus metros (tempo) acabariam?
Desenhe um relógio medido em metros. Que formato teria e como funcionaria?
Sua vida teria rotina, levando em consideração que os metros não se repetem?
Como marcaria um encontro?
Haveria fim?

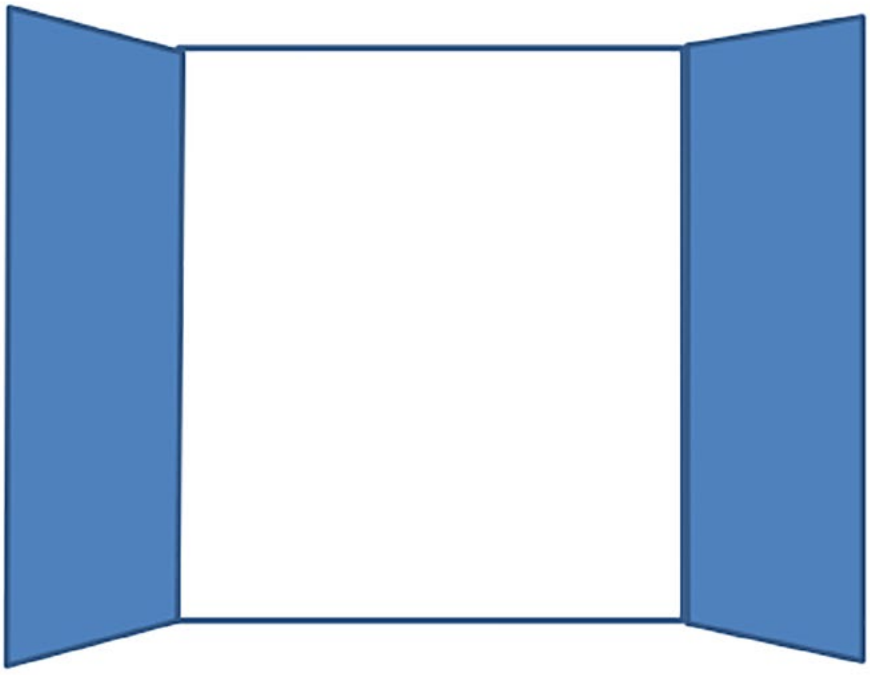
Título: O que vejo?
Autor(a): Kelly Cristine Formentini
Professor(a)/Orientador(a): Angélica Vier Munhoz
Espaço de criação: Disciplina Seminário VI - Educação, saber-poder e processos de subjetivação - Curso Pedagogia/Univates

O que vejo?

Você receberá um cartão com a seguinte frase: Quando o aluno enxerga possibilidades onde o mundo inteiro não as vê, o professor talvez tenha cumprido a sua missão. Logo, qual seria a sua missão enquanto professor?

Em seguida, encontrará duas imagens de janelas:
Na primeira janela, mostre o que gostaria que seus alunos vissem.
Na segunda janela, o que os alunos lhes mostram e compartilham no dia a dia.

Poderão ser usados desenhos, frases, palavras ou qualquer outro signo.
Use a sua imaginação!



Refletir sobre as diversidades de vidas, rotinas e pensamentos em sala de aula e o papel do educador nesse meio.

Título: Roleta do pensamento
Autor(a): Camila Alves dos Santos, Carmel Cristina Chaves dos Reis Barros e Elizene Aparecida Rodrigues da Luz
Professor(a)/Orientador(a): Angélica Vier Munhoz, Morgana Dômenica Hattge, Suzana Feldens Schwertner
Espaço de criação: Disciplina Processos de ensino e aprendizagem - Programa de Pós-Graduação em Ensino/Univates

Roleta do pensamento

Os professores da contemporaneidade estão sendo desafiados a refletir num novo modelo de docência. Neste contexto, criamos uma atividade a fim de impulsionar a reflexão do professor sobre as formas diferenciadas de aprender e que devem ser consideradas no processo de construção do conhecimento.

A partir da concepção de Gardner (1995), que defende a ideia que a inteligência é a capacidade de decifrar um sistema de símbolos e significados, criados culturalmente e acreditando que os indivíduos precisam ter contato com diferentes formas de conhecimento, para manifestar os diferentes modos de pensar, o professor necessita repensar os métodos educacionais a serem utilizados. A esse respeito Gardner afirma:

> A inteligência implica na capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos que são importantes num determinado ambiente ou comunidade cultural. A capacidade de resolver problemas permite à pessoa abordar uma situação em que um objetivo deve ser atingido e localizar a solução adequada para esse objetivo (GARDNER, 1995, p.21).

Pensando nas diferentes alternativas para auxiliar o professor em seu processo de docência, decidimos pelo uso da "Roleta do pensamento", como um objeto do pensar, uma vez que ao fazer o comparativo, a magia do movimento e a velocidade com que as mudanças na educação ocorrem, nos leva a pensar e nos inquietar de que modo podemos ensinar e de que forma nossos alunos aprendem. Nessa magia de movimentos e relações, devemos estar abertos para as diferentes formas de aprender dos nossos alunos.

A magia do movimento deve levar o professor a refletir sobre as diferentes possibilidades de aprendizagem dos alunos.

Esse objeto pode ser usado em reuniões e encontros de professores com o objetivo de despertar um novo olhar sobre sua atuação e a prática educativa realizada em sala de aula. E consequentemente como objetivos específicos: garantir oportunidades para o diálogo, a troca de experiências favorecendo a consolidação dos conhecimentos entre os professores

e a integração do grupo; experimentar e refletir sobre as diversas formas de aprender; Incentivar discussões sobre as diversas habilidades e interesses do aluno para possibilitar o emprego de estratégias metodológicas que desenvolvam o potencial de aprendizagem dos discentes levando em consideração as necessidades e dificuldades de cada aluno.

Metodologia:

A atividade será com a realização de algumas perguntas e cada grupo deverá escolher uma das inteligências para explicar o primeiro questionamento, posteriormente o segundo questionamento deverá ser respondido com uma inteligência diferente da primeira e assim, sucessivamente, até que todos tenham tido a experiência de experimentar diversas inteligências. Por fim, se abrirá para a reflexão de como se sentiram ao realizar a proposta.

Como jogar:

Decidir quem deve começar a tirar as perguntas que ficarão em uma caixa. Posteriormente cada um irá rodar a roleta e responder de acordo com a inteligência que foi indicada pela roleta.

Após todos responderem deve-se fazer uma reflexão. É um objeto que deve ser pensado a cada rodada. No final cada um irá dar sua contribuição sobre o que achou da atividade, e no que ela contribui para repensar sobre a sua atuação profissional.

Construção do objeto de pensar:

Material: papelão, papel contact, tesoura, clips e imagem impressa com as inteligências múltiplas, caixa pequena, questões escritas.

Passo a passo (roleta):

- Recortar dois papelões, um em forma circular e outro em forma retangular posteriormente cobrir os dois com papel contact;
- Imprimir a imagem das inteligências múltiplas e colar em forma circular sobre papel cartão;
- Recortar um pedaço de papel cartão em formato de uma seta;
- Sobrepor a seta na imagem das inteligências múltiplas e com um clip prender ambos ao papelão retangular, de forma que a seta possa girar.

Caixa com as questões norteadoras:

Usar uma embalagem descartável;

Cobrir com sobras de papéis;

Escrever as questões norteadoras e colocar na caixinha. Sugestões de questões norteadoras:

- Se o aluno estiver desenvolvendo uma prática que não esteja fazendo sentido para ele o aprendizado perde sua função?

- Se cada pessoa tem uma maior afinidade com uma(s) inteligência(s), encontrar maneiras de trazê-las à tona é o desafio do professor?
- A proposta de Gardner ao apresentar as Múltiplas Inteligências, era superar os conceitos de que era sempre necessário valorizar as coisas mais abstratas, se comunicar de forma eloquente ou compreender signos.
- O que é ensinar?
- Como acontece o aprender?
- Como planejar uma aula sabendo que os alunos aprendem de diferentes maneiras?
- Como podemos demonstrar o currículo?
- O professor da contemporaneidade está preparado para trabalhar diante das inteligências múltiplas?
- É necessário um local adequado para aprender?
- O que você entende por inteligências múltiplas?
- Com qual das inteligências podemos relacionar a capacidade de entender as intenções e os desejos dos outros e consequentemente de ter bons relacionamentos em sociedade?
- Qual é a relação entre o ensinar e o educar?
- Para Gardner (1995), o indivíduo nasce com um vasto potencial de talentos e ainda não moldado pela cultura. Você concorda com Gardner?
- Quais as habilidades que apresentam as pessoas com inteligência lógica-matemática?
- Como orientar um aluno com grande potencial para a inteligência espacial?
- Os estímulos e o ambiente social são importantes no desenvolvimento de determinadas inteligências? Justifique.
- Liderados pelo psicólogo Howard Gardner, uma equipe de pesquisadores da Universidade de Harvard desenvolveu, durante a década de 1980, a Teoria das Inteligências Múltiplas, buscando analisar e descrever melhor o que é a inteligência.

A roleta do pensamento está pronta. Agora é só girar e pensar e refletir.

Que comecem os giros do pensamento.

Fonte: Das autoras, 2019.

Referências:

GARDNER, H. *Inteligências Múltiplas*: a Teoria na Prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

Wikipedia. *Roleta acesso*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Roletaacesso> Acesso em 25.07. 2019

Título: Dos gestos do professor ou das mãos inteligentes, mãos felizes, mãos escolares
Autor(a): José Alberto Romaña Díaz
Professor(a)/Orientador(a): Angélica Vier Munhoz
Espaço de criação: Grupo CEM

Dos gestos do professor ou das mãos inteligentes, mãos felizes, mãos escolares

Materiais:
Gestos
Feixinhos ou Amarrilhos (arame para amarrar a embalagem do pão)
Celular para gravar
Texto Dos gestos do Professor...

Como Funciona:

1. Forme pequenos grupos de 3 participantes.
2. Ler o texto "Dos gestos do professor ou das mãos inteligentes, mãos felizes, mãos escolares", baseado no livro de Jorge Larrosa Esperando não se sabe o quê : sobre o ofício de professor.
3. Após a leitura do texto, questione-se pelos gestos manuais mais usados no seu dia a dia de docente
4. Escolher o gesto que o grupo considera mais marcante
5. As mãos de um dos colegas servirá de modelo de escultura, outro colega realizará a captura do gesto com os feixinhos de arame, já outro colega fará o registro fílmico do processo, focando nas mãos do colega que está como modelo de escultura
6. Ao longo da filmagem se recomenda que os participantes possam partilhar as experiências a respeito dos gestos do professor.

Referências:

LARROSA, J. *Esperando não se sabe o quê:* sobre o ofício de professor. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

Título: Justiça docente
Autor(a): Bianca Isabel Pederiva
Professor(a)/Orientador(a): Suzana Feldens Schwertner
Espaço de criação: Grupo CEM

Justiça docente

Esse objeto deve ser elaborado da seguinte maneira:

1. Entrega-se o depoimento, que deve estar impresso em uma folha, disposta na forma de cilindro, amarrada com um laço ou com adesivo.
2. Espera-se a pessoa ler.
3. Chama-se o docente. Entrega-se um envelope com uma folha em branco dentro, em que estão escritas orientações.
4. No final, deve-se abrir um espaço para compartilhamento de qualquer sensação, dúvida, incerteza, insatisfação, prazer, sorriso, desgosto, opinião que o objeto tenha provocado.

Uma pessoa é chamada para dar um depoimento sobre sua experiência como aluno(a).

Depoimento:

Tudo o que sei é que três deles tinham uma paixão por comunicar seus conteúdos. Armados com essa paixão, eles me localizaram no abismo do meu desânimo e não desistiram até que eu tivesse os dois pés firmemente plantados em suas aulas, que provaram ser as antecâmaras da minha vida. [...] Esse gesto de salvar uma pessoa que está se afogando, que o agarra e puxa para cima, apesar de sua agitação suicida, a crua imagem de afirmação da vida de uma mão segurando firmemente a gola do casaco é a primeira coisa que me vem è mente quando penso neles. Em sua presença - em suas matérias - eu dei à luz a mim mesmo: um eu, que era um matemático, um eu que era um historiador, um eu que era um filósofo, um eu que, no espaço de uma obra, esquecia um pouco de mim mesmo, me colocava entre parênteses, livrando-me do eu que, antes de encontrar esses professores, tinha me impedido de sentir que eu estava realmente lá (PENNAC, 2010, p. 224-225).

Um(a) professor(a) é chamado(a) para sentenciar a pessoa e a experiência.

SENTENÇA*:
Quem foi esse aluno?
Descreva-o com detalhes.

*Sentença: 1. Qualquer reflexão profunda e luminosa, cuja verdade se funda no raciocínio ou na experiência; máxima. 2. Despacho ou decisão judicial. 3. Punição judicial; pena (SACCONI, Luiz Antonio. Minidicionário Sacconi da Língua Portuguesa. 2005. Livro para análise do professor. Venda proibida)

Quem é esse aluno?

Observa-o nos detalhes.

Eu era, portanto, um mau aluno. Na minha infância, chegava todos os dias a casa perseguido pela escola. As minhas cadernetas reflectiam a censura dos professores. Quando não era o pior da turma, era o penúltimo. (Bravo!) Impenetrável à aritmética primeiro, à matemática em seguida, profundamente disortográfico, refractário à memorização das datas e à localização dos pontos geográficos, inapto para a aprendizagem de línguas estrangeiras, considerado preguiçoso (lições não estudadas, deveres por fazer), levava para casa notas lamentáveis que nem a música, uma qualquer actividade desportiva ou extracurricular, de resto, conseguia remediar. – Compreendes? És ao menos capaz de compreender o que te explico? Eu não compreendia. Esta incapacidade de compreender remontava tão longe na minha infância que os meus familiares criaram uma lenda para datar a sua origem: a aprendizagem do alfabeto. Sempre ouvi dizer que precisei de um ano inteiro para aprender a letra a. A letra a, num ano. O deserto da minha ignorância começava antes do intransponível b. – Não entremos em pânico, daqui a vinte e seis anos ele dominará perfeitamente o alfabeto (PENNAC, 2010, p. 17).

School Blues (Mágoas da Escola) é uma obra literária de Daniel Pennac. Nela, o estudante-autor conta a história de como era um "mau aluno" em seu tempo de escola.

EXPRESSE AOS DEMAIS JURADOS:
1. QUAL FOI SUA SENTENÇA?
2. O QUE ELA REPRESENTA?

Referências:

PENNAC, D. *School Blues*. London: Atlantic Books, 2007.

Título: AprenderEnsinarDesaprender
Autor(a): Morgana Domênica Hattge
Espaço de criação: Grupo CEM

AprenderEnsinarDesaprender

a) Em grupos, responda as perguntas abaixo, uma a uma: (cada grupo recebe folhas de uma determinada cor para produzir sua resposta e pode utilizar-se de lápis, caneta, tesoura, cola, barbante, revistas...)

1 – Existem quantas maneiras de ensinar?
2 – Se aprendemos algo é porque nos ensinaram?
3 – Existem quantas maneiras de aprender?
4 – Sempre aprendemos o que nos é ensinado?
5 – Se podemos aprender, é possível também desaprender?

b) Disponha todas as respostas em uma mesa ao centro da sala.

c) Cada grupo escolhe, dentre as respostas dos outros grupos, uma nova resposta para cada uma das perguntas.

d) Cada grupo apresenta o novo arranjo organizado dos pares pergunta-resposta.

Título: Os jovens e as funções da escola: uma matéria epistolar
Autor(a): Suzana Feldens Schwertner
Espaço de criação: Grupo CEM

Os jovens e as funções da escola: uma matéria epistolar

MATERIAL:

- VÍDEO "A ESCOLA E AS NOVAS CONFIGURAÇÕES..."
- FOLHAS
- TIRAS DE PAPEL
- CAIXA
- PAPEL DE CARTA

MODO DE FAZER:

- Assista ao vídeo indicado.
- Escreva em uma folha as primeiras impressões que sentiste ao assistir; em seguida, copie estas mesmas impressões para as tiras de papel: uma em cada tira. Guarde a folha com você.
- Dobre as tiras em pedaços menores e adicione na caixa.
- Após todos finalizarem, a caixa começa a ser passada e cada um retira, no máximo, o número de tiras que ali colocou (ex.: se a pessoa adicionou três tiras, retira no máximo três).
- No papel de carta designado, escreva uma carta aos estudantes que participaram deste projeto utilizando tuas primeiras impressões (aquelas que estão na folha de papel) e as que retiraste da caixa. Tais palavras/expressões devem estar em caixa alta na carta. Para a escrita, recomenda-se a elaboração de uma frase com ponto final, duas frases com ponto de exclamação e três com ponto de interrogação.
- Compartilhe com o grupo sua produção.

Título: Docência crochet
Autor(a): Inauã Weirich Ribeiro
Professor(a)/Orientador(a): Angélica Vier Munhoz
Espaço de criação: Grupo CEM

Docência crochet

Orientações para reprodução ou defloração do objeto:

1. Escolha uma linha, de preferência de malha, para crochetar;
2. Escolha uma agulha, de preferência do mesmo número da linha de malha;
3. Junto com a agulha e a linha de malha, escolha argolas, sugere-se pelo menos 20;
4. Acesse o youtube;
5. Procure a página Jonah'sHands;
6. Selecione o vídeo intitulado: T-shirt Valentine Bowl (easy);
7. Comece a crochetar uma cesta;
8. Decida se você quer fechá-la, como uma bolsa ou só usá-la assim como Jonah o fez;
9. Agora com a cesta pronta, pegue uma argola e crochete uma carreira com cerca de 1 (um) metro;
10. Use a quantidade de argolas, conforme a quantidade de pessoas com as quais você quer usar a cesta;
11. Em cada argola, coloque uma frase do texto em anexo, "Docência crochet" (cole, costure; faça como quiser);
12. Depois disso, organize a corrente de reflexão em círculos dentro da cesta, de maneira que ela não se enrosque nas outras partes (imagine uma mola maluca);
13. Selecione agora um espaço onde caibam cerca de vinte professoras (ou quantas fizeram parte do grupo) em fila;
14. Coloque a cesta no meio da sala e na frente da fila das professoras;
15. Deixe a primeira argola do lado de fora;
16. Convide as professoras, cada uma de uma vez, a ir até a cesta e pegar a próxima argola;
17. Oriente-as a lerem a frase antes da próxima pegar a argola;
18. Cada pessoa que pega uma argola deve se afastar, depois de ler a frase, até o ponto em que a linha em relação à última argola fique esticada;
19. Ao final do texto, convide-as a se sentarem no chão e a conversarem sobre as perguntas colocadas ao fim do texto;
20. Caso não queira todo esse trabalho, apenas compre um rolo de linhas e cole as frases no rolo e faça com que as professoras joguem uma para a outra para dar continuidade à leitura.

Docência crochet

Eu faço da minha vida docente uma arte de viver através das relações. Subjetivo talvez seja dizer das relações, quase que abstrato. Contudo, no meu cotidiano as relações são de difícil tarefa. Busco como uma prática olhar para elas como acontecimento. Por vezes, tenho a tendência de pensar os caminhos e movimentos como que uma linha contínua, como aquela que uso para produzir meus chochets, que ao trançá-lo vou construindo coisas de um único suporte.

Mas essa mesma linha de crochet me ajuda a perceber que um trançar pode se dar de várias maneiras e que o produto final pode ser apenas um produto e que o que mais me afeta é o manusear da agulha no encontro com a linha. Com uma agulha e com uma linha posso trançar diversos pontos, posso cortar a linha e ligar outra linha ou até mesmo esperar que ela acabe, e usar linhas de cores diferentes ou de uma mesma cor. Pode ser que não tenha mais a mesma tintura, mas pode ser que outra cor seja mais interessante. Também possa, de diversos produtos desse crochet, criar novos. Posso até mesmo pegar o que já foi feito e destrançar, usar a linha, mesmo que frouxa, mesmo que gasta.

Cada momento de trançar para mim é a tarefa da relação. Cada encontro pode gerar um produto, mas percebo-o apenas como a lembrança desse acontecimento. Relacionar-me com o outro é como descobrir o melhor encontro da agulha com a linha; mesmo que a agulha não tenha o número correto indicado para trançar a linha, é possível, com cuidado, trançar; às vezes, os pontos ficam soltos, mas isso é detalhe e fica na lembrança.

Às vezes as agulhas e as linhas são de tiragens diferentes e por isso tem cores diferentes. A cor das agulhas serve mais pra destacar seus números, mas nem sempre é necessário, porque conforme a marca, há formatos diferentes. As cores das linhas já demarcam relações diferentes. As cores identificam quantas linhas foram usadas, ou puderam ser usadas. As cores das linhas também mostram que mesmo de uma mesma tiragem os tons podem ser diferentes e que isso não altera o trançar com a agulha. Existem também linhas que já são coloridas desde a fábrica e que por si só já se destacam.

Mas trançar não é tarefa fácil, assim como as relações. Quando se trança é preciso saber usar a passada de linha correta de acordo com a agulha e o objetivo que se tem de produção. Ao longo da produção do "tecido", se os cuidados não forem tomados, cada trança produzida com a agulha e a(s) linha(s) podem ter tamanhos diferentes e produzir buracos ou falhas. No crochet é possível desfazer e retrançar. Contudo, se o braço estiver cansado, talvez apenas em outro dia as mãos conseguirão produzir novas tranças.

Como a sua docência trança linhas? Como as suas linhas são trançadas pela docência? Como as linhas trançam a docência?

Título: O que se vê?
Autor(a): Franciele Wainstein e Vitória Capoani Amaro
Professor(a)/Orientador(a): Cristiano Bedin da Costa
Espaço de criação: Disciplina Docência e Pesquisa: Aula Método Educador - Faculdade de Educação/UFRGS

O que se vê?

O objeto que pensei em fazer seriam caixinhas com imagens dentro, as pessoas teriam que escolher 5 caixinhas dentre 10. Nessas caixinhas os indivíduos enxergariam as imagens, escreveriam o que aquela imagem é/ou representa para ele e depois iriam ler a descrição dos mesmos (que estaria embaixo de cada caixinha). Em seguida, nas 5 caixinhas restantes, as pessoas primeiro leriam a descrição e depois olhariam as imagens nas caixinhas e após isso fariam o mesmo que antes, escreveriam sobre o que viram.

O objetivo seria mostrar às pessoas que, por vezes, o olhar delas é condicionado, sendo necessário entender que algumas coisas não tem apenas um único significado. Onde, mesmo que o outro significado não seja tão conhecido, ou não lhe represente, ele não deixa de ser verdadeiro.

Temos como exemplos: a imagem de uma vaca, quando a vê, o que se pensa? Normalmente se vê um animal que nos fornece alimentos, porém para os devotos da religião hindu, a vaca é um Deus; quando se olha essa imagem, o que se vê?

Muitos dirão suástica, iram remeter ao nazismo, holocausto, segunda guerra, etc. Todavia, esse símbolo é uma suástica japonesa. "A suástica budista, chamado no Japão de Manji (万字) é considerado o primeiro símbolo significativo da raça humana, além de ser um dos símbolos religiosos mais antigos que existem. Este símbolo é reconhecido em diversas culturas e religiões em todo o mundo como Hinduísmo, Budismo, Jainismo, Sikhismo e Taoísmo".

Através dos exemplos e da temática, acredito que a atividade pode ser realizada tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio. Por ser uma dinâmica que trabalha com interpretação de imagens, ela pode ser adaptada para a matéria que está sendo ensinada nas turmas a qual for aplicada. Seria interessante que a atividade fosse feita no início do ano letivo para introduzir a temática a ser trabalhada. Como o objetivo inicial era tratar de questões históricas e culturais, as imagens a serem utilizadas, nestas caixas em específico, farão referências a períodos históricos e culturais sem ter necessariamente, relação com algum ano de ensino.

É uma atividade simples, para mostrar aos alunos que participarem da mesma que a sua verdade nem sempre é absoluta.

Título: Blackout: a reescrita de um discurso
Autor(a): Bruna Costa Fraga
Professor(a)/Orientador(a): Cristiano Bedin da Costa.
Espaço de criação: Disciplina Docência e Pesquisa: Aula, Método, Educador - Faculdade de Educação/UFRGS

Blackout: a reescrita de um discurso

Na condução desse projeto, fui inspirada pela iniciativa do blackout poetry do escritor Austin Kleon, que, em linhas gerais, visou reutilizar o jornal como fonte de seus poemas e poesias. Meus objetivos foram outros, apesar de usar da mesma técnica blackout: escolhi propositalmente as fontes a serem utilizadas que são discursos que representem uma narrativa hegemônica – tradicional, falocentrada, heteronormativa, cristã e branca –, para que possam ser ressignificados através da reescrita.

Por que ressignificar esses discursos? São discursos produzidos por chefes de Estado, por filósofos que morreram há mais de 2.000 anos e que ainda são conhecidos por suas contribuições ou por aqueles que viveram até pouco mais de 200 anos e que continuam servindo como cânone da academia; são discursos que também são reproduzidos por poetas nacionais que ainda circulam pelas legendas das fotos em redes sociais e que também se encontram em passagens de antigos livros, presentes em nossas casas. São discursos que estão em toda parte e que nos penetram, diariamente, através de seus signos e significantes. Por isso, proponho ressignificarmos tais discursos de poder, dos paradigmas tradicionais da história, através dessa ausência intencional que é o blackout.

Proposta de oficina:

A partir, então, dessa ideia de ressignificação discursiva através do método blackout, crio uma proposta de oficina – para turmas de Ensino Médio – com a seguinte metodologia:

1) Deverá ser feita uma espécie de introdução a respeito da importância que os discursos têm em nossa vida, de forma que são produzidos e reproduzidos por pessoas que possuem certa influência nos diferentes campos sociais que existem, como por exemplo, os chamados digitalinfluencer dessa geração, e que, na grande parte das vezes, chegam até nós através de diferentes meios – mídias, livros, redes sociais, tradições e rituais, etc. – e, sem que nos demos conta, reproduzimos todos esses discursos – sejam eles de ódio ou não. A ideia é criar uma reflexão prévia para preparar a turma para a atividade.

2) Após a breve introdução, será apresentada a proposta do blackout poetry, criada por Austin Kleon, como forma de criação de arte a partir de jornais, que são fontes discursivas que acessamos diariamente – seja pelo facebook, telejornal, twitter, etc. Essa apresentação será acompanhada da apresentação da proposta Blackout: a reescrita de um discurso.

3) A seguir, serão entregues folhas com determinadas palavras apagadas para que possam, individualmente, reescrever a lápis sobre os espaços em preto. A reescrita é livre. X oficineirx deverá manter consigo as folhas com as citações/passagens originais.

4) Após a reescrita, x oficineirx recolherá as folhas-blackout e as redistribuirá aleatoriamente. Feito isso, x oficineirx pedirá que cada um, em voz alta, leia o que foi escrito pelxs colegas. Na medida em que forem sendo lidas (cada folha terá uma numeração, que será seguida na ordem da leitura, iniciando a partir do número 1 – será feita a leitura das citações/passagens mais antigas para as mais recentes), x oficineirx, que estará com as folhas das citações/passagens originais, fará a leitura do texto original respectivo ao que foi reescrito e lido anteriormente para que possam, em conjunto, observar as diferenças ou similaridades e para que x oficineirx possa contextualizar a origem dascitações/passagens, onde e quando foram produzidas, como eram lidos os objetos desses discursos na época em que foram produzidos e de que forma são discursos que permanecem até hoje.

5) Após as leituras de cada reescrita e as respectivas contextualizações dos textos originais, será feita uma reflexão sobre a importância da ressignificação dos discursos, onde cada um, se reconhecendo como sujeitxs e indivíduos capazes de construir e criar suas próprias narrativas, pode também reconduzir esses discursos existentes para discursos contra-hegemônicos, praticando princípios éticos de tolerância, respeito, inclusão e acolhimento.

6) A partir dessas folhas-blackout será criada uma página no instagram ou no facebook, na plataforma virtual de escolha da turma, para que sejam publicadas as criações feitas por elxs.

DISCURSOS ORIGINAIS

1) "A natureza só faz mulheres quando não pode fazer homens. A mulher é, portanto, um homem inferior." (Aristóteles, 384-322 a.C., filósofo grego)

VELHO TESTAMENTO – Bíblia

2) 12.Gênesis3:16 – "E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará."

NOVO TESTAMENTO

3) 1Coríntios11:7-9 – "O homem não deve cobrir a cabeça, visto que ele é imagem e glória de Deus; mas a mulher é glória do homem. Pois o homem não se originou da mulher, mas a mulher do homem; além disso, o homem não foi criado por causa da mulher, mas a mulher por causa do homem."

4) 1Coríntios14:34-35 – "Permaneçam as mulheres em silêncio nas igrejas, pois não lhes é permitido falar; antes permaneçam em submissão, como diz a lei. Se quiserem aprender alguma coisa, que perguntem a seus maridos em casa; pois é vergonhoso uma mulher falar na igreja."

5) "Toda a educação da mulher deve ser relacionada ao homem. Agradá-los, ser-lhes útil, fazer-se amada e honrada por eles, educá-los quando jovens, cuidá-los quando adultos, aconselhá-los, consolá-los, torna-lhes a vida útil e agradável - São esses os deveres das mulheres em todos os tempos e o que lhes deve ser ensinado desde a infância." (ROUSSEAU, Emílio ou Da Educação.)

6) "Quer minha opinião sincera sobre a mulher? Acho a mulher o mais incomparável vir-a-ser que tem neste mundo. A mulher é sempre um vira-ser até que encontre alguém que a faça ser" (Mário de Andrade, em uma troca de correspondências com Carlos Drummond)

7) "Não vou combater nem discriminar, mas, se eu vir dois homens se beijando na rua, vou bater", disse Bolsonaro depois que FHC posou com a bandeira gay em 2002. (http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1905200210.htm)

8) "Meus filhos nunca seriam gays porque foram bem educados", afirmou Jair Bolsonaro em entrevista ao CQC (https://www.youtube.com/watch?v=HyaqwdYOzQk)

9) "A mulher nasceu para ser mãe. [...] ser mãe é o papel mais especial da mulher. A gente precisa entender que a relação dela com o filho é uma relação muito especial. E a mulher tem que estar presente. A minha preocupação é: dá pra gente ter carreira, brilhar, competir, consertar as bobagens feitas pelos homens. Sem nenhuma guerra, mas a gente conserta algumas. Dá pra gente ser mãe, mulher e ainda seguir o padrão

cristão que foi instituído para as nossas vidas", declarou Damares Alves, chefe do Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos.

10) "90% dos adotados vão ser homossexuais e vão ser garotos de programa deste casal" (afirmou Jair Bolsonaro, referindo-se aos filhos adotados de casais homossexuais, em entrevista em programa de Danilo Gentili). (https://www.youtube.com/watch?v=3yxvUIp8GnY)

11) "Seria incapaz de amar um filho homossexual. Não vou dar uma de hipócrita aqui: prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo" disse Bolsonaro, em 2011, quando deu entrevista à Playboy. (http://noticias.terra.com.br/brasil/bolsonaro-prefiro-filho-morto-em-acidente-a-um-homossexual,cf89cc00a90ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html)

12) "Se por acaso dentro do banheiro de mulher que a minha irmã ou a minha mãe estiver utilizando um homem que se sente mulher [...] entrar no banheiro eu não estou nem aí, eu vou tirar primeiro no tapa e depois chamo a polícia" disse o deputado Douglas Garcia (PSL), em tom de ameaça à deputada e mulher trans Érica Malunguinho (PSOL).

13) "O erro da ditadura foi torturar e não matar" (2008 e 2016), Bolsonaro reiterou seu posicionamento sobre a ditadura no Brasil no programa Pânico, da Rádio Jovem Pan, em julho de 2016.

14) "[O policial] entra, resolve o problema e, se matar 10, 15 ou 20, com 10 ou 30 tiros cada um, ele tem que ser condecorado, e não processado" (Bolsonaro, em entrevista ao Jornal Nacional, da TV Globo, em agosto de 2018)

15) "não empregaria [homens e mulheres] com o mesmo salário", disse Bolsonaro, em 2016, em entrevista ao programa Superpop, da RedeTV.

16) "Quem usa cota, no meu entender, está assinando embaixo que é incompetente. Eu não entraria num avião pilotado por um cotista. Nem aceitaria ser operado por um médico cotista". Em entrevista ao programa CQC, da Band, Bolsonaro afirmou ser contra cotas raciais por entender que o ingresso em universidades e concursos públicos deve ser por mérito.

17) Isso não pode continuar existindo. Tudo é coitadismo. Coitado do negro, coitado da mulher, coitado do gay, coitado do nordestino [...]. Vamos acabar com isso."

(Bolsonaro, dias antes do segundo turno, em 2018, em entrevista à TV Cidade Verde, do Piauí)

DISCURSOS-BLACKOUT

1) "A natureza só [redacted] mulheres [redacted] não [redacted] homens. A mulher é [redacted] um homem [redacted]."

2) E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua [redacted], e a tua [redacted]; com [redacted] darás à luz [redacted]; e o teu desejo será para o teu [redacted], e ele te dominará."

3) [redacted] mulher é [redacted]. Pois [redacted] se originou da mulher, [redacted] a mulher [redacted]; além disso, o homem [redacted] criado por causa da mulher, [redacted]"

4) Permaneçam as mulheres [redacted], pois [redacted] lhes é permitido [redacted]; antes [redacted] em submissão, como diz [redacted]. Se quiserem [redacted], [redacted] perguntem a seus maridos em casa; [redacted] é vergonhoso uma mulher falar na [redacted].

5) Toda a educação da mulher deve [redacted]. [redacted], fazer-se [redacted] e [redacted] quando jovens, [redacted] quando adultos, [redacted], [redacted], torna-lhes a vida [redacted] e [redacted] - São esses os deveres das mulheres em todos os tempos e o que lhes deve ser ensinado desde a infância."

6) Quer minha opinião sincera sobre a mulher? Acho a mulher o mais incomparável [redacted] que tem neste mundo. A mulher é [redacted] um [redacted] até que [redacted].

7) Não vou [redacted] nem [redacted] se eu vir dois homens se beijando na rua, vou [redacted]

8) Meus filhos [redacted] gays [redacted] bem educados

9) A mulher nasceu para [redacted]. [...] ser mãe [redacted] papel [redacted] da mulher. A gente precisa [redacted]. E a mulher tem que [redacted]. A minha [redacted] é: dá pra gente ter carreira, brilhar, competir, [redacted] bobagens feitas pelos homens. [...] [redacted] mãe, mulher e ainda seguir o padrão cristão que foi instituído [redacted]

10) [redacted] adotados [redacted] ser homossexuais e [redacted] casal"

11) Seria [redacted] de amar um filho homossexual. Não vou dar uma de [redacted] aqui: prefiro que um filho meu [redacted] do que [redacted]. Para mim ele [redacted]"

12) Se por acaso dentro do banheiro de mulher que a minha irmã ou a minha mãe estiver utilizando [redacted] que se sente mulher [...] entrar no banheiro [redacted], eu vou [redacted] e depois [redacted]

13) erro da ditadura foi [redacted] e não [redacted]

14) [O policial] entra, [redacted] e [redacted] matar 10, 15 ou 20, com 10 ou 30 tiros cada um, ele tem que ser [redacted], e não [redacted]

15) [redacted] [homens e mulheres] com o mesmo salário.

16) Quem usa cota, no meu entender, [redacted]. Eu [redacted] entraria num avião pilotado por um cotista. [redacted] aceitaria ser operado por um médico cotista.

17) Isso não pode continuar existindo. [redacted]. [redacted] do negro, [redacted] da mulher, [redacted] do gay, [redacted] do nordestino [...]. Vamos acabar com isso.

Título: Sólidos platônicos
Autor(a): Paola Del Vecchio, Matheus Erpen Benincá
Professor(a)/Orientador(a): Cristiano Bedin da Costa
Espaço de criação: Disciplina Docência e Pesquisa: Aula, Método, Educador - Faculdade de Educação/UFRGS

Sólidos platônicos

Os sólidos platônicos são sólidos tridimensionais que respeitam as seguintes condições:

a) Todas suas faces possuem o mesmo número n de arestas;
b) Todos os ângulos poliédricos possuem um mesmo número m de arestas;
c) Verificam a relação de Euler: V + F = A +2 (V=no vértices; F=n° faces; A=n° arestas).

É possível demonstrar que existem apenas 5 classes de poliedros que atendem a estas condições, conforme indicado na tabela 1 (DOLCE; POMPEO, 2007). O nome de cada classe é dado em função do número de faces (F) dos poliedros:

Tabela 1 - Classe de poliedros platônicos

m	n	A	V	F	Nome
3	3	6	4	4	Tetraedro
3	4	12	8	6	Hexaedro
3	5	30	20	12	Dodecaedro
4	3	12	6	8	Octaedro
5	3	30	12	20	Icosaedro

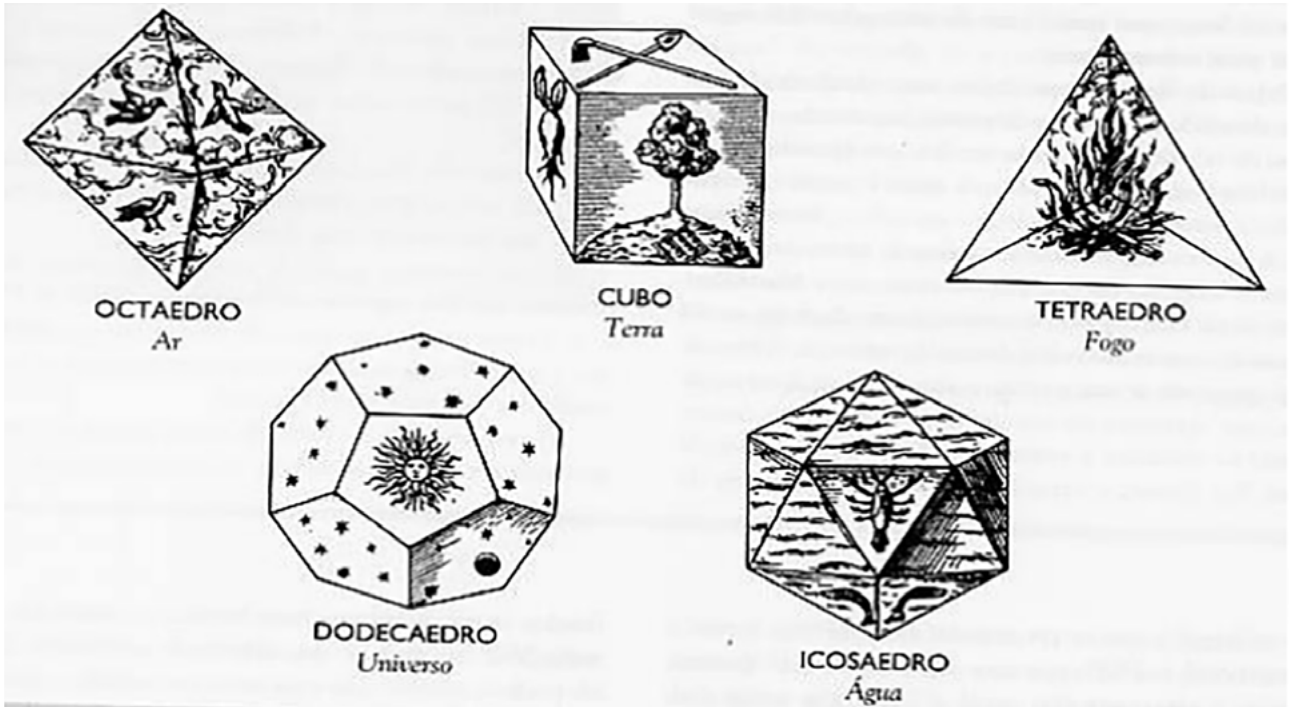
Ou seja, existem 5 classes de sólidos platônicos. No caso dos sólidos platônicos regulares, todas as faces são compostas por polígonos regulares e congruentes entre si. Existem apenas cinco poliedros platônicos regulares: o tetraedro (4 faces triangulares), o hexaedro ou cubo (6 faces quadradas), o octaedro (8 faces triangulares), o dodecaedro (12 faces pentagonais) e o icosaedro (20 faces triangulares).

Desde a antiguidade, matemáticos e filósofos têm estudado os sólidos platônicos extensivamente, dada sua peculiaridade (BORTOLOSSI, 2009). Platão (427 a.C.-34 a.C.), ao tentar explicar a natureza, escreveu sobre os poliedros no diálogo Timaeus (360 a.C.) no qual ele os relaciona com os quatro (agora cinco) elementos (Figura 1):

- O tetraedro representa o fogo, cujo calor causa sensação de pequenas lâminas pontudas, como pequenos tetraedros;

- O ar é “feito de octaedros”: seus pequenos componentes são tão suaves que mal se pode senti-los;
- A água, o icosaedro, escapa das mãos quando tentamos pegá-la, como se fossem pequenas bolinhas;
- Por contraste, um sólido extremamente não esférico é o hexaedro (cubo), que representa a terra com sua relação pelo espaço euclidiano.
- Sobre o quinto sólido platônico, o dodecaedro, Platão disse que “Deus o usou para organizar as constelações no céu”; Aristóteles acrescentou um quinto elemento à lista: o éter, que seria a essência dos céus e do que nos cerca. De um modo geral o sólido é relacionado com o cosmos (DEHOVITZ, 2016).

Figura 1 - Sólidos platônicos regulares e os 5 elementos



Fonte: extraído de Laboratório de Matemática EBSDLA, 2012.

Objeto de pensar

Utilizando-se das relações filosófico-matemáticas dos sólidos platônicos regulares, este objeto de pensar tem como objetivo provocar a reflexão acerca de um tema inquietante em nossa sociedade e em nossas escolas: questões de gênero e suas representações na sociedade.

Estamos em uma sociedade que recrimina e deturpa conceitos como feminismo e as pautas LGBTI+. As violências de gênero são naturalizadas: o Brasil é o 5o país mundo com mais mortes por feminicídios (UOL, 2019) e o 1o no ranking de mortes de transexuais (O GLOBO, 2018). Trabalhar as questões de gênero é trabalhar a igualdade, a empatia, o senso crítico e a

resistência aos retrocessos do conservadorismo, portanto o papel da escola é fundamental na desconstrução desses paradigmas, ou seja, sair da caverna de Platão. A fim de se direcionar a atividade de forma mais proveitosa, sugere-se o acompanhamento da atividade por um psicólogo ou pedagogo da escola ou convidado estudioso do tema. A temática do gênero foi escolhida por sua importância e atualidade, mas os sólidos são livres a outros temas geradores, como política, filosofia, meio ambiente, entre outros.

Proposta: Os sólidos serão utilizados como dados, onde cada face apresentará um número. Para cada sólido, o número de propostas de discussão será equivalente ao número de faces. Acompanhando cada sólido, haverá um envelope com cartões numerados com as propostas.

Passo 1: Divisão dos professores em 5 grupos;

Passo 2: Designação dos sólidos aos grupos: pode ser por sorteio ou escolha pelos próprios grupos;

Passo 3: Cada grupo deve jogar seu dado e a face que ficar voltada para baixo indicará a proposta a ser selecionada no envelope (sugere-se escolher esta face pois no caso do tetraedro, por exemplo, não existe uma única face que fique voltada para cima, como em um dado cúbico comum; outra alternativa, em casos como este, consistiria na escolha de uma dentre as faces voltadas para cima);

Passo 4: execução das propostas dentro dos grupos, de acordo com o sólido platônico:

a) Tetraedro: o tetraedro é relacionado com o fogo, logo, com as dificuldades. Aqui encontram-se questões que geram muitos conflitos, intolerância e normalmente são tabus. O grupo deve responder a um questionamento. As respostas não são pontuais, curtas nem simples. É possível (e necessário) apoiar-se em literatura, definições formais, entrevistas com especialistas, etc. O que essa pergunta causa em vocês? Qual sua importância e presença em sala de aula? Por quê?

1. O que é gênero?
2. O que é igualdade?
3. O que é feminismo?
4. O que é machismo?

b) Hexaedro: o cubo está ligado à terra. Por isso, nesta proposta vamos ao concreto, às ações e intervenções. O tema gerador é "igualdade de gênero". Exerçam a criatividade livremente, seja com uma música, um poema, um teatro, um movimento ou qualquer ação que perpassar a palavra-chave, se possível retomando experiências de sala de aula.

1. Palavra;
2. Imagem;
3. Som;
4. Movimento;
5. Forma;
6. ? (livre)

c) Octaedro: representando o ar, como uma brisa que nos envolve, nos passa. Aquilo que nos passa é aquilo que experimentamos: nossas vivências. Façam uma roda de conversa e compartilhem experiências relacionadas à palavra. Em quais situações vocês se encontraram como agentes causadores, neutros ou alvos?

1. Preconceito;
2. Assédio;
3. Aprendizado com a diferença;
4. Desigualdade;
5. Indignação;
6. Medo;
7. Lugar de fala;
8. Representatividade.

d) Dodecaedro: aqui representado pelo cosmos, ou "éter", o todo, aquilo que nos cerca, que nos une. A empatia, por sua vez, é a capacidade de se colocar no lugar do outro, sem julgamentos. É saber ouvir. Ser e permanecer humano. Aqui temos frases nem sempre confortáveis, mas certamente interessantes. Reflita sobre a frase, o que ela significa para você, como pode lhe impactar, como impacta a vivência da docência e como impacta ao outro (que pode ser seu aluno). Discuta com os outros, se quiser. Ou reflita sozinho, pelo tempo que precisar.

1. "O não ouvir é a tendência a permanecer num lugar cômodo e confortável daquele que se intitula poder falar sobre os Outros, enquanto esses Outros permanecem silenciados." Djamila Ribeiro
2. "Para ser feminista de modo autêntico é desejar para todas as pessoas, homens e mulheres, a liberação de papéis padronizados sexistas, de dominação e opressão." bellhooks
3. "A empatia é a mais radical das emoções humanas." Gloria Steinem
4. "O teste para saber se você pode fazer um trabalho ou não deve depender da organização dos seus cromossomos." Bella Abzug
5. "Não gosto de ver o movimento LGBT como um nicho ou parcela. Vejo os LGBTs como pessoas que lutam pelo gozo do direito de todos, justamente contra um

conservadorismo que quer excluir esse direito de uma parcela da população. Quem parcializa é o conservadorismo." Laerte Coutinho

6. "Liberdade é pouco. O que eu quero ainda não tem nome." Clarice Lispector
7. "O feminismo é a ideia radical que sustenta que as mulheres são pessoas." Angela Davis
8. "Não sou descendente de escravos. Eu descendo de seres humanos que foram escravizados." Makota Valdina
9. "Quer você seja uma uma mulher em uma fazenda de chá no Quênia, em Wall Street ou uma atriz de Hollywood, ninguém recebe pagamento igual." Emma Watson
10. "O gênero é uma construção social. Inclusive, atualmente (em alguns países), mais identidades sexuais do que a feminina e a masculina (transexuais, travestis,etc.) são aceitas legalmente e obtidas mediante tecnologia." Esther Diaz
11. "Eu só posso estar no mundo se eu for compreendido(a) como homem ou como mulher? Existem outras formas de estar no mundo? As pessoas nascem e são assignadas com um gênero (de acordo com o órgão sexual), e as pessoas trans são pessoas que não se reconhecem como essa forma social de catalogar o corpo delas.» Helena Vieira
12. "As pessoas encontram conforto e segurança no conservadorismo." Judith Butler

e) Icosaedro: a água é movimento, é vida. Pensando nisso, temos aqui sugestões de 20 pessoas importantes na desmitificação de gênero e desigualdade, ora cientistas mulheres que você não conhece. Tire esse momento para pesquisar, apreciar e discutir com o grupo a vida, as contribuições e lutas da pessoa selecionada, e de tantas outras que passaram por suas vidas e espaços escolares. O que mais lhe surpreende? Por quê? Como impacta sua vivência docente?

1. Rachel Carson
2. Djamilla Ribeiro
3. Hannah Arendt
4. Marie Curie
5. Hipácia
6. Joana D'Arc
7. Ada Lovelace
8. Nísia Floresta
9. Clarice Lispector
10. Simone de Beauvoir
11. Judith Butler
12. bellhooks
13. Frida Kahlo
14. Sufragistas
15. Greta Thunberg

16. Malala Yousafzai
17. Marsha P. Johnson
18. Jane Austen
19. Marian Diamond
20. ? (sugestões do grupo)

Passo 5: Partilha dos resultados alcançados pelos grupos com o resto dos colegas, após tempo estipulado previamente. Quais as conclusões? Quais percepções foram mudadas? Quais paradigmas foram quebrados? Quais atitudes podem ser mudadas?

Referências

DOLCE, P. POMPEO, J.N. *Fundamentos de Matemática Elementar*: Geometria espacial. 6a edição. São Paulo: Editora Atual, 2007.

BORTOLOSSI, H. J. *Os Sólidos Platônicos*. Disponível em: <http://www.cdme.im-uff.mat.br/platonicos/platonicos-html/solidos-platonicos-br.html>. Acesso em: 20 ago. 2019.

DEHOVITZ, D. C. The PlatonicSolidsAnExplorationofthe Five Regular Polyhedraand theSymmetriesofThree-Dimensional Space. [s.l.] Whitman College, Washington, 2016.
LABORATÓRIO DE MATEMÁTICA EBSDLA. Solidos Platónicos. Disponível em: <https://labmatematicaebsdla.wordpress.com/2012/10/27/solidos-platonicos/solidosplatonicos/#main>. Acesso em: 20 ago. 2019.

O GLOBO. Brasil segue no primeiro lugar do ranking de assassinatos de transexuais - Jornal O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/brasil-segue-no-primeiro-lugar-do-ranking-de-assassinatos-de-transexuais-23234780>. Acesso em: 20 ago. 2019.

UOL. Feminicídio: Brasil é o 5o país em morte violentas de mulheres no mundo - *UOL Educação*. Disponível em: <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das- disciplinas/atualidades/feminicidio-brasil-e-o-5-pais-em-morte-violentas-de-mulheres- no-mundo.htm>. Acesso em: 20 ago. 2019.

Título: Aprendizagem marcante
Autor(a): Suzana Feldens Schwertner
Espaço de criação: Grupo CEM

Aprendizagem marcante

Para pensar individualmente:

Qual foi o aprendizado mais marcante em sua vida?
1) O QUE FOI APRENDIDO?
2) POR QUE FOI MARCANTE?
3) ACONTECEU COM QUEM/ COM O QUÊ?
4) QUANDO ACONTECEU?
5) ONDE ACONTECEU?

Após este primeiro momento, apresentar seus aprendizados marcantes ao grupo, contando como foi possível responder às questões de 1 a 5.

Discutir entre colegas: quais os aprendizados marcantes que mais apareceram nos relatos? Com quem eles aconteceram? Em que espaços?

Título: Olhares que movimentam
Autor(a): Ana Paula Monteiro, Andreia Pontarolo, Digilaine Machado, Erni Soares de Azevedo Junior e Geilson Reis
Professor(a)/Orientador(a): Angélica Vier Munhoz,Morgana Domênica Hattge, Suzana Feldens Schwertner
Espaço de criação: Disciplina Processos de Ensino e Aprendizagem - Programa de Pós-Graduação em Ensino/Univates.

Olhares que movimentam

Observe:

A sua frente tem uma caixa com uma imagem e três lunetas que compõe o objeto de pensar: **"Olhares que movimentam".**

Ao interagir com o objeto de pensar é importante seguir as orientações para que sua experiência seja "interessante".

Abra a caixa, pegue a luneta do pensar indicada, observe a imagem descrevendo sua relação com os **paradigmas de ensinar e aprender.**

Então vamos lá:

1. Luneta transparente: três características;
2. Luneta amarela: duas características;
3. Luneta verde: uma característica.
4. Com as palavras elencadas, discuta as potencialidades e limitações em relação aos paradigmas da educação no coletivo.

Título: Palhinhas - palavras aleatórias, linhas pensadas
Autor(a): Jetro Nithamer Lisbôa
Professor(a)/Orientador(a): Cristiano Bedin da Costa
Espaço de criação: Disciplina Docência e Pesquisa: Aula, Método, Educador - Faculdade de educação/UFRGS

Palhinhas - Palavras aleatórias, linhas pensadas

1. Modo Individual

1.1. Pense em três palavras, ou quatro, dentro do possível aleatórias, e que se conheça um pouco sobre os seus significados.
1.2. Pegue essas palavras e escreva cada uma delas dentro dos círculos que estão no esquema no verso da folha. As escreva nos círculos que contém o título "Palavra aleatória".
1.3. Pense nos possíveis sentidos dessas "palavras aleatórias" e utilizando os círculos com o título "ligação" anote a ligação existente entre aquelas duas palavras. A ligação pode ser algo que há em comum entre seus significados ou uma ação que uma das palavras tem em relação a outra. Caso haja mais de uma ligação anote junto. Se a ligação for igual ou semelhante a existente entre outras duas palavras procure mais ligações possíveis.
1.4. Procure as ligações gerais e a anote no círculo do meio.
1.5. Pronto. Agora com esse esquema tente produzir algo com essas palavras e ligações... Poesia, histórias, pinturas, contos, prosas, etc... ou dê uma palhinha sobre a experiência desse objeto de pensar.

2. Modo em Dupla

2.1. Pense sozinho em duas palavras, dentro do possível aleatórias, e que se conheça um pouco sobre os seus significados.
2.2. Pegue essas palavras e escreva cada uma delas dentro dos círculos que estão no esquema no verso da folha. As escreva nos círculos que contém o título "Palavra aleatória". A sua dupla também deve escrever as dela de forma a completar os quatro círculos.
2.3. Pensem conjuntamente nos possíveis sentidos dessas "palavras aleatórias" e utilizando os círculos com o título "ligação" anote a ligação existente entre aquelas duas palavras. A ligação pode ser algo que há em comum entre seus significados ou uma ação que uma das palavras tem em relação a outra. Caso haja mais de uma

ligação anote junto. Se a ligação for igual ou semelhante a existente entre outras duas palavras procure mais ligações possíveis.

2.4. Procure as ligações gerais e a anote no círculo do meio.

2.5. Pronto. Agora com esse esquema tente produzir algo com essas palavras e ligações… Poesia, histórias, pinturas, contos, prosas, etc... ou dê uma palhinha sobre a experiência desse objeto de pensar.

3. Modo em Grupo

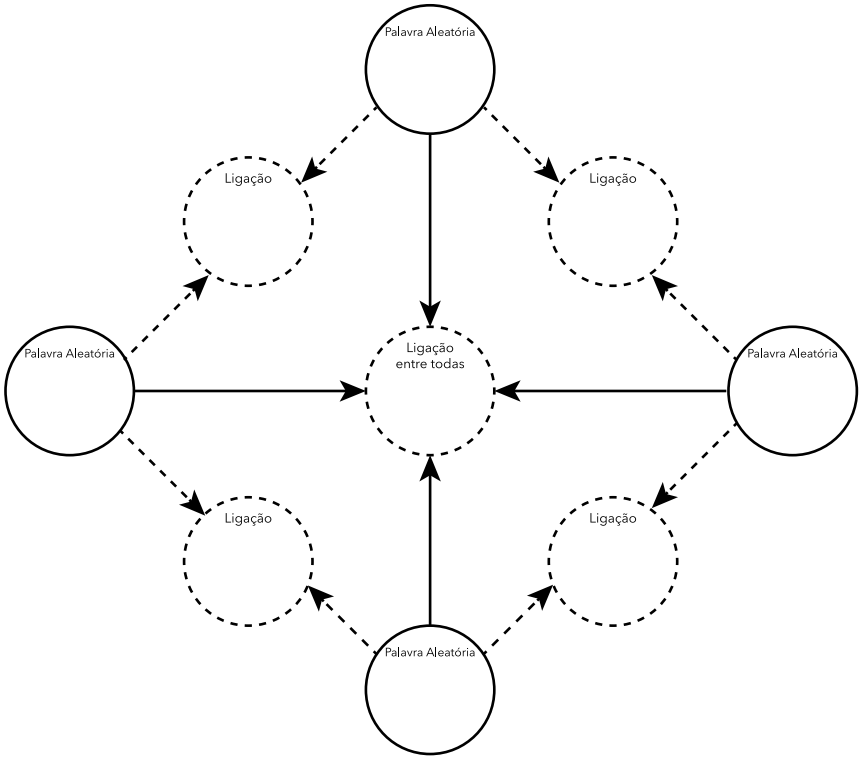
3.1. Pense sozinho em uma palavra conhecida qualquer e que se conheça um pouco sobre os seus significados.

3.2. Peguem essas palavras e escreva cada uma delas dentro dos círculos que estão no esquema no verso da folha. As escreva nos círculos que contém o título "Palavra aleatória". Cada participante deve escrever uma.

3.3. Pensem conjuntamente nos possíveis sentidos dessas "palavras aleatórias" e utilizando os círculos com o título "ligação" anote a ligação existente entre aquelas duas palavras. A ligação pode ser algo que há em comum entre seus significados ou uma ação que uma das palavras tem em relação a outra. Caso haja mais de uma ligação anote junto. Se a ligação for igual ou semelhante a existente entre outras duas palavras procure mais ligações possíveis.

3.4. Procurem as ligações gerais e a anotem no círculo do meio.

3.5. Pronto. Agora com esse esquema tente produzir algo com essas palavras e ligações... Poesia, histórias, pinturas, contos, prosas, etc... ou dê uma palhinha sobre a experiência desse objeto de pensar.



Título: Dilemas éticos
Autor(a): Tatiana Perin Pacheco
Professor(a)/Orientador(a): Cristiano Bedin da Costa
Espaço de criação: Disciplina Docência e Pesquisa: Aula, Método, Educador - Faculdade de Educação/UFRGS

Dilemas éticos

Imagine que você se depare com questões muito complicadas e que, junto aos demais de sua comunidade ou família, precise discuti-las e tentar chegar a uma conclusão. A discussão deve tentar seguir um rumo ético, ou seja, partir de princípios, questioná-los, decidir o que é importante, o que é válido, o que é certo, e por que, para que então se possa deliberar.

Para isso, vamos ver um pouco sobre o que é Ética e o que é Moral?

A Ética é um dos ramos mais importantes e estudados da Filosofia. Ela é responsável pela revisitação dos acordos das culturas, das suas questões morais. É importante pensar que a moral se modifica e precisa ser constantemente pensada, pois afinal, as pessoas mudam e seus entendimentos também.

> Para que possamos melhor entender, vejamos os conceitos de Moral,é um sistema público informal aplicável a todas as pessoas racionais, que rege o comportamento que afeta os outros, e tem como objetivo a diminuição do mal ou dano, e inclui o que comumente se conhece como regras morais , um sistema público, significa que todos aqueles aos quais se aplica devem entendê-lo, e não deve ser irracional para eles usá-lo ao decidir o que fazer e no julgamento dos outros ao quais o sistema se aplica (Dicionário de Filosofia de Cambridge, 2006, p. 644).

E de Ética,

> é o estudo filosófico da moralidade. [...] As principais questões reais da Ética são aquelas a respeito de quais fins devemos nós, como seres humanos plenamente racionais, escolher e perseguir, e quais princípios morais deveriam governar as novas escolhas e as nossas buscas (Dicionário de Filosofia de Cambridge, 2006, p. 298).

Agora, a partir destes conceitos, cinco dilemas éticos serão apresentados e a tarefa é discuti-los, pensá-los e debatê-los, tentando chegar em um consenso, uma decisão. São questões difíceis de serem resolvidas e que podem suscitar muitos questionamentos. O intuito não é chegar a um fim único, irrevogável, uma verdade absoluta, mas promover a discussão e o pensamento. Procure elencar os problemas, as questões e então, discutir suas peculiaridades. É importante justificar as decisões, explicar o porquê foram tomadas. Você pode escolher um, dois, três ou todos os dilemas. Depende de seu tempo e disposição!

1) Em um certo hospital, uma técnica inovadora é descoberta. Ela é capaz de detectar certas doenças raras em embriões recém formados, além de ter a possibilidade de modificar geneticamente estas doenças e extingui-las. A tecnologia desenvolvida é capaz de mexer com o código genético e portanto, pode alterar não só doenças mas, em princípio, pode se desenvolver a ponto de poder alterar qualquer outra questão genética. A pesquisa, ao ser levada ao comitê de ética da Universidade a qual pertencia o hospital, foi interrompida. A razão é que a técnica que podia salvar e curar vidas também poderia ser capaz de fazer uma revolução enorme, tanto salvando vidas e curando doenças, quanto escolhendo cores de pele, de olhos, desenvolvendo um tipo de ser humano considerado mais adequado aos padrões hegemônicos. Em outras palavras, não se sabe o que poderia ser feito com tal pesquisa. O que você acha? A pesquisa deveria ser levada a termo? Salvar e curar é mais importante que defender o direito de existência daqueles que não são considerados os seres humanos mais adequados (não tem a cor de pele, olho, porte físico, etc) e ainda mais importante do que a potencial ameaça que o desenvolvimento genético poderia gerar? Coisas que talvez nem consigamos pensar?

2) Você tem uma dívida que não consegue saldar e um amigo o auxilia. Empresta-lhe grande soma em dinheiro e diz que você pode pagá-lo quando puder. Alguns meses mais tarde, munido do valor total de seu débito, você vai ao encontro deste amigo para entregar-lhe o dinheiro que ele lhe havia emprestado. Ao chegar na casa deste amigo, você o encontra desnorteado. Ele havia descoberto que sua esposa o traía e bradava por vingança. Por vocês dois serem amigos muito próximos, ele lhe confidencia: caro amigo, assim que você puder me pagar, comprarei uma arma e matarei a traidora. Com a soma total em seu bolso, você sente-se petrificar. O que fazer? Saldar minha dívida e não ser um devedor, caloteiro? Não pagar, mas salvar a vida de uma pessoa?

3) Você tem um pequeno negócio e quando chega a hora de acertar suas contas com o Imposto de Renda, você se dá conta que, se lançar algumas despesas pessoais como despesas da empresa, você pode pagar menos impostos. A redução de impostos viria a calhar, pois você está precisando contratar mais pessoas, alavancar o negócio, que, se não tiver mais investimento acabará por falir, dada a alta competição na sua área. O que você faria? Mentiria para o fisco ou não?

4) Você é o líder de um pequeno grupo de soldados. Você está voltando de uma missão no território inimigo durante a qual um de seus homens pisou em uma armadilha plantada pelo inimigo e está gravemente ferido. A armadilha estava conectada a um transmissor de rádio que já informou o inimigo da sua presença, e um ataque está a caminho. Se o inimigo encontrar o homem ferido abandonado, ele será torturado e

morto. Por isso, ele implora para não ser deixado para trás. Se você tentar resgatá-lo, porém, o grupo todo ficará mais lento e será capturado. A única maneira de impedir que ele seja torturado é você mesmo matá-lo com um tiro. É adequado matar o soldado para evitar que ele seja torturado pelo inimigo?

5) Observe a foto a seguir:

Figura 1 - The child an the vulture. Kevin Carter, Sudão: 1993.

Esta foto suscitou muitas discussões. Qual o papel daqueles que entram em outras culturas que não as suas? Algumas pessoas argumentaram que este fotógrafo renomado, que ganhou o Pullitzer de melhor fotografia de 1993 por esta foto, não devia ter perdido tempo tirando a foto, mas sim ter imediatamente ter afugentado o abutre. É possível estudar, pesquisar, registrar uma cultura sem interferir?

Referência

Dicionário de Filosofia de Cambridge. Editora Paulus, 2006.

Título: A bagagem de João's
Autor(a): Ligia Vieira Da Silva Cavalcante, Luisa Souza Van Der Laan e Wesley Gonçalves Do Nascimento
Professor(a)/Orientador(a): Angélica Vier Munhoz, Morgana Domênica Hattge, Suzana Feldens Schwertner
Espaço de criação: Disciplina Processos de Ensino e Aprendizagem - Programa de Pós-Graduação em Ensino/Univates

A bagagem de João's

MATERIAL NECESSÁRIO

- 7 (sete) garrafas plásticas transparentes iguais (com tampa);
- Água, sal, açúcar, óleo, leite em pó e café em pó (pequenas quantidades);
- 7 (sete) figuras do rosto de um menino (iguais);

Tags com as seguintes inscrições:

- ÁGUA
- ÁGUA SOLIDIFICADA
- ÁGUA + ÓLEO
- ÁGUA + SAL
- ÁGUA + AÇÚCAR
- ÁGUA + CAFÉ
- ÁGUA + CAFÉ + AÇÚCAR + LEITE EM PÓ
- Fita adesiva;
- Tesoura;
- Mesa para expor o material.

MONTAGEM

Encha as 7 garrafas com a mesma quantidade de água;
Garrafa 1: Deixe apenas água;
Garrafa 2: Coloque para congelar;
Garrafa 3: Adicione óleo;
Garrafa 4: Adicione sal;
Garrafa 5: Adicione açúcar;
Garrafa 6: Adicione café em pó;
Garrafa 7: Adicione café em pó, leite em pó e açúcar;
Cole com a fita adesiva a figura do menino na parte superior de cada garrafa.

Figura 1 - Objeto com as tags de identificação

Fonte: Os autores (2019).

PÚBLICO-ALVO

O Objeto de Pensar – A bagagem de João's poderá ser realizado com professores/as que atuem em qualquer nível de ensino;

TEMPO PARA REALIZAÇÃO

Sugere-se reservar, no mínimo, 40 minutos para execução deste objeto de pensar.

COMO REALIZAR

Etapa 1

Inicie pedindo que os/as professores/as individualmente respondam/reflitam as seguintes provocações:

- Quem são os meus/minhas alunos/as?
- Como eu os/as enxergo?

(5 minutos para esta etapa)

Etapa 2
- Exponha as garrafas sem as tags de identificação sobre uma mesa disposta em local de fácil circulação no ambiente conforme figura 1;
- Solicite que os/as professores/as analisem os objetos expostos;
(5 minutos para esta etapa)

Etapa 3
- Fixe cada tag na garrafa que corresponde ao conteúdo nela expressa, conforme figura 2;
- Solicite que os/as professores/as observem novamente os objetos, agora identificados.
(5 minutos para esta etapa)

Etapa 4
- Peça que os/as professores/as se reúnam em pequenos grupos (em média 5 pessoas);

Leia para eles/as os excertos abaixo citados:

Aquilo que a pedagogia controla é aquilo que o professor pensa que ensina, seu currículo, seus conteúdos e suas técnicas; mas para além deste aprendizado quantificável e quantificado, há como que um "aprender quântico", um "aprender obscuro", como diz Deleuze, que em princípio nem o próprio aprendiz sabe que está aprendendo. Não há métodos para aprender, não há como planejar o aprendizado. Mas o aprender acontece, singularmente, com cada um. (GALLO, 2012, p. 4-5).

Sendo o aprender um acontecimento, ele demanda presença, demanda que o aprendiz nele se coloque por inteiro. E exige relação com o outro. Entrar em contato, em sintonia com os signos é relacionar-se, deixar-se afetar por eles, na mesma medida em que os afeta e produz outras afecções. (GALLO, 2012, p. 6).

[...] numa mesma aula, com um mesmo professor, múltiplas aprendizagens acontecem, na medida em que são múltiplos os alunos e que cada um aprende a seu próprio modo. (GALLO, 2012, p. 8).

Refaça as perguntas iniciais e provoque uma nova reflexão, agora em grupo:
- Quem são os meus/minhas alunos/as?
- Como eu os/as enxergo?
- Como posso preparar minha aula de forma a contemplar e potencializar as diferenças dos/as alunos/as?
(10 minutos para esta etapa)

Etapa 5
Convide os/as professores/as a formarem um grande círculo e socializarem o que foi debatido nos pequenos grupos.
(10 minutos para esta etapa)

OBJETIVOS QUE DEVERÃO SER ATINGIDOS

Breves reflexões

- As garrafas expostas de forma linear expressam a inflexibilidade do espaço escolar;
- A água presente em todas as garrafas pode ser relacionada as experiências que cada aluno/a carrega consigo e que não pode ser desconsiderada (a bagagem);
- Ainda que os recipientes com água e água congelada, a princípio, pareçam ser a mesma coisa, são diferentes. Fazendo uma analogia aos estudantes, os mesmos podem ter experiências semelhantes, mas que se manifestam ou fazem sentidos diferentes para cada um;
- O recipiente com água e óleo nos permite refletir que nem sempre os conhecimentos/ informações socializadas em aula afetam (se misturam/passam a fazer sentido) as experiências que os/as alunos/as têm.
- A princípio os recipientes com água, água com açúcar e água com sal podem ser considerados como contendo apenas água. A reflexão proposta é que podem existir outros conhecimentos/experiências que aparentemente não são identificados;
- O recipiente com água + leite + café + açúcar nos permite fazer uma relação com os múltiplos signos que nos afetam e passam fazer sentido para nós (aqui há uma interação entre experiências, conhecimentos científicos, vivências sociais, etc).

Referências

GALLO, S. *As múltiplas dimensões do aprender*. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_02_2012_10.54.50.a0ac3b8a140676ef8ae>.

Título: Você nem sonha o que me ensinou...
Autor(a): Juliana Coelho Araujo Nunes, Letícia B.B. Lima e Michele R. Marchesan
Professor(a)/Orientador(a): Angélica Vier Munhoz, Morgana Domênica Hattge e Suzana Feldens Schwertner
Espaço de criação: Disciplina Processos de Ensino e Aprendizagem - Programa de Pós-Graduação em Ensino/Univates.

Você nem sonha o que me ensinou...

> O romance Uma Aprendizagem ou O livro dos prazeres de Clarice Lispector, escrito no final da década de 1960, narra o envolvimento amoroso de uma professora primária, Lori, com um professor de Filosofia, Ulisses. Já em suas últimas páginas, nos deparamos com a seguinte frase, fala de Lori em relação a Ulisses: "Aprendo contigo, mas você pensa que eu aprendi com tuas lições, pois não foi, aprendi o que você nem sonhava em me ensinar" (p.157). A frase beira o enigmático... como alguém pode aprender com outro, mas não aquilo que foi ensinado? (GALLO, 2012, p. 1).

O excerto acima foi retirado do texto As múltiplas dimensões do aprender, do autor Sílvio Gallo (2012) e nos leva a pensar que o aluno aprende o que lhe afeta nos diferentes encontros promovidos pelo professor. Nesse sentido, com intuito de movimentar o pensamento e fazer uma viagem no tempo, cada participante é convidado a escrever uma carta ou bilhete endereçado a um(a) professor(a) que o marcou. Nesta escrita deverão constar:

- Uma ou mais aprendizagem(ns) que o(a) professor(a) nem sonha ter ensinado (experiência exitosa, desastrosa, engraçada, tenebrosa e outras);
- Detalhes da(s) aprendizagem(ns): Quando? Com quem? Como? Por quê?
- O que você faz com essa aprendizagem na sua vida docente?

Instruções para o desenvolvimento do objeto de pensar:

- Disponibilizar o excerto;
- Fazer a leitura do excerto de forma coletiva;
- Fazer a leitura da proposta do objeto;
- Distribuir folhas para a escrita da carta;
- Fazer a leitura das cartas (compartilhar as experiências) ou entregar as cartas, colocando-as em uma caixa para leitura aleatória.

Referências

GALLO, S. As múltiplas dimensões do aprender… Congresso de Educação Básica: aprendizagem e currículo (COEB 2012). Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_02_2012_10.54.50.a0ac3 b8a140676ef8ae0dbf32e662762.pdf>>.

LISPECTOR, C. *Uma aprendizagem ou livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Título: Balancê
Autor(a): Amanda Luiza Ullrich, Gustavo Henrique Tramontina e Mateus Alan Scheibel, Wagner Berticelli
Professor(a)/Orientador(a): Rodrigo de Azambuja Brod
Espaço de criação: Projeto de extensão Pensamento Nômade; Disciplina de Tipografia do Curso de Design/Univates.

Balancê

balancê

Quando misturamos diversão e aprendizado, todos aproveitam! Assim elaboramos nossa atividade com as crianças da SLAN com o objetivo de estimular o movimento das crianças, aplicando alongamentos, repetição de movimentos e a famosa dança da quadrilha.

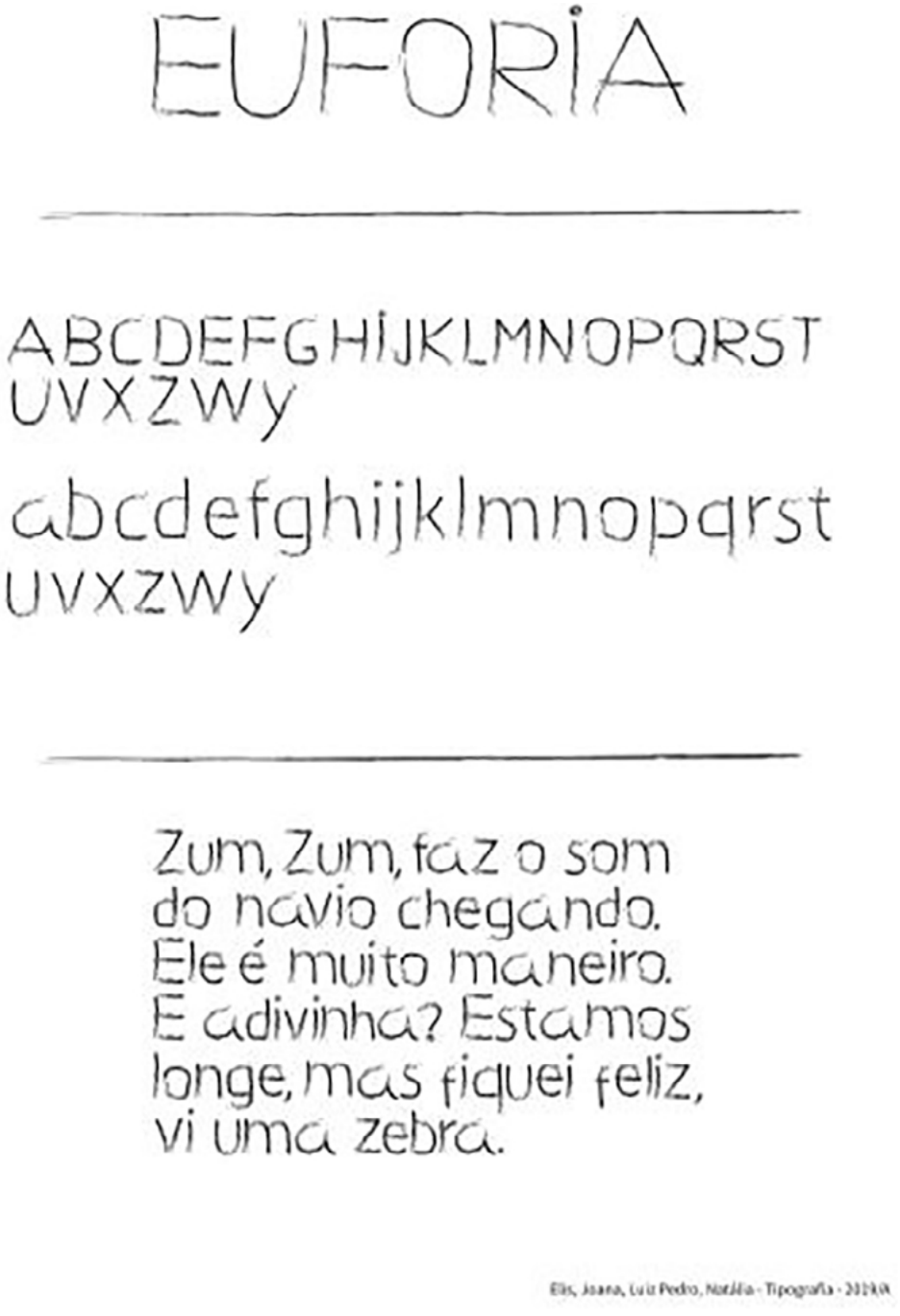
A dança se mostrou uma ótima atividade para recreação dos pequenos, que com a ajuda das fitas de TNT, puderam movimentar os braços e dançar ao ritmo da música. Com o auxílio dos colegas da ED. Física, conduzimos a quadrilha, e com nossas câmera fotográficas "congelamos" os movimentos. Com isso, as crianças desenvolveram formas e traços muito dinâmicos e coloridos pelo ar.

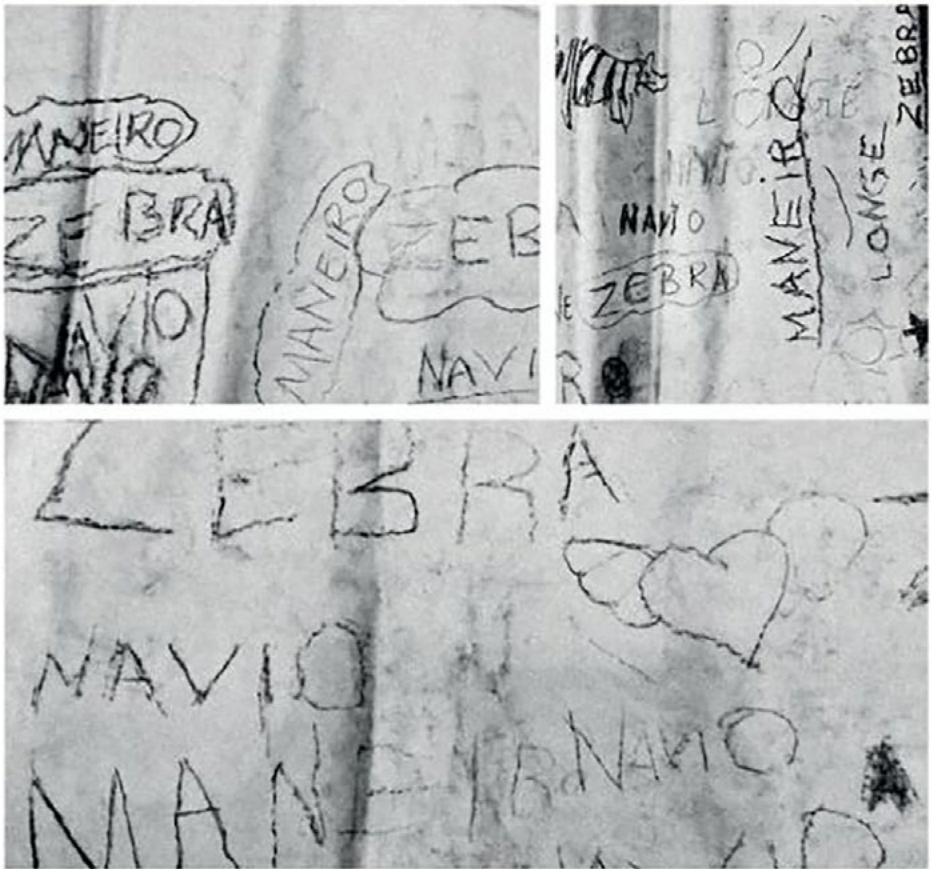
E como desenvolvemos isso? Lapidamos as fotografias registradas e tiramos dela todo gesto e cor que poderiam servir como padrão, incluindo até mesmo algumas letras já formadas pelo próprio movimento natural das fitas durante a dança.

Amanda - Gustavo - Mateus - Wagner
Design Univates 2019A

Título: Euforia
Autor(a): Joana Lúcia Heckler, Elis Demari, Natália Elisa Black e Luiz Pedro Prisco Costa
Professor(a)/Orientador(a): Rodrigo de Azambuja Brod
Espaço de criação: Projeto de extensão Pensamento Nômade; Disciplina de Tipografia do Curso de Design/Univates.

Euforia





Desenvolvimento da tipografia

Coleta de material

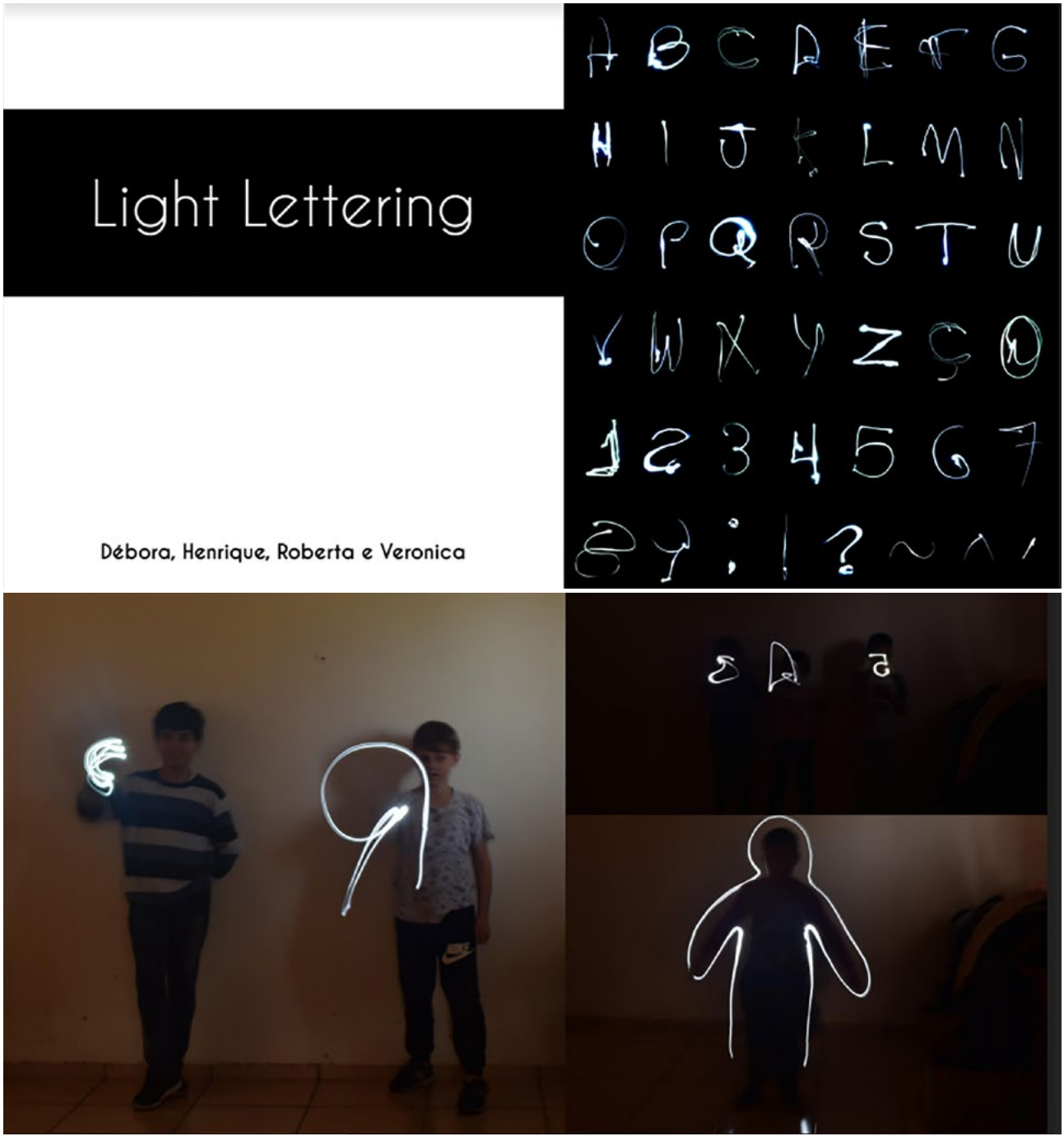
Um dos passos mais importantes para desenvolvimento da tipografia, foram a coleta dos materiais com as crianças. Espalhamos diversos tipos pelo pátio da escola e dividimos elas em pequenos grupos. Cada grupo ficou responsável por formar uma palavra com os tipos encontrados. Após formarem as palavras, as crianças através de gestos e movimentos corporais, tinham que tentar traduzir para as outras, as palavras formadas. Enquanto umas faziam uma forma de mímica, algumas desenhavam com carvão o que estavam entendendo. No fim da atividade, eles descobriram se acertaram as palavras.

Aplicação

Um dos materiais que foram base para o nosso tipo experimental, foi o carvão. Através dos traços realizados pelas crianças, criamos a nossa fonte. Fotografamos todo o nosso material que foi recolhido após a atividade e realizamos testes de aplicabilidade. Batizamos o nosso tipo de Euforia, inspirada em toda energia das crianças.

Título: Light Lettering
Autor(a): Débora Müller, Verônica Herrmann, Roberta Scremin Juliano e Henrique Beneduzi
Professor(a)/Orientador(a): Rodrigo de Azambuja Brod
Espaço de criação: Projeto de extensão Pensamento Nômade; Disciplina de Tipografia do Curso de Design/Univates.

Light Lettering



Título: Pense fora da caixa
Autor(a): Daniel Marques Costa e Alex Nery Morais
Professor(a)/Orientador(a): Angélica Vier Munhoz, Morgana Domênica Hattge, Suzana Feldens Schwertner
Espaço de criação: Disciplina Processos de Ensino e Aprendizagem - Programa de Pós-Graduação em Ensino/Univates

Pense fora da caixa

Não se sabe exatamente de onde teria surgido a expressão "pensar fora da caixa", porém, segundo Fernandes (2016, texto digital), muito provavelmente é um termo de origem da língua inglesa e que de forma mais livre significaria "pensar sem estar amarrado a ideias convencionais".

Pensar fora da caixa é, portanto, dispensar explicações unívocas e de fáceis interpretações. É despir-se dos discursos já pensados, das percepções já prontas e, sobretudo, buscar linhas de fuga capazes de ir além das ideias clichês. Deleuze e Guattari (2007, p. 262) traçam caminhos de pensamento nesse mesmo sentido:

> O pintor não pinta sobre uma tela virgem, nem o escritor escreve sobre uma página branca, mas a página ou a tela estão já de tal maneira cobertas de clichês preexistentes, preestabelecidos, que é preciso de início apagar, limpar, laminar, mesmo estraçalhar para fazer passar uma corrente de ar, saída do caos, que nos traga a visão.

Nesse sentido, este objeto de pensar foi criado com o intuito de provocar um estranhamento diante dos discursos já ditos sobre a educação que transitam diariamente pelos mais diferentes espaços sociais, e, dessa maneira, dar vazão a novas formas de pensar essa temática.

Vamos, então, pensar fora da caixa!?

RECURSOS MATERIAIS:

1. Uma caixa de pensar em madeira;
2. Vinte frases clichês em tiras de papel:
"Educação é aquilo que fica depois que você esquece o que a escola ensinou" Albert Einstein

"Ou escreves algo que valha a pena ler, ou fazes algo acerca do qual valha a pena escrever" Benjamin Franklin

"A educação presencial é melhor do que a educação à distância" Autor Desconhecido

"As tecnologias facilitam o processo de ensino e de aprendizagem" Autor Desconhecido

"Incluir é conseguir dar, de forma igualitária, atenção a todos os alunos" Autor Desconhecido

"O homem não é nada além daquilo que a educação faz dele" Autor Desconhecido

"Pois ser mestre é isso: ensinar a felicidade" Rubem Alves

"A boa educação é moeda de ouro. Em toda parte tem valor" Padre Antônio Vieira

"A escola é nossa segunda casa" Autor Desconhecido

"Ensina a criança no caminho em que deve andar; e mesmo quando velho, não se desviará dele" Provérbios 22:6

"Engolimos de uma vez a mentira que nos adula e bebemos gota a gota a verdade que nos amarga" Denis Diderot

"Aprender é a única coisa de que a mente nunca se cansa, nunca tem medo e nunca se arrepende" Leonardo Da Vinci

"Estudar é o caminho para o sucesso" Autor Desconhecido

"Não é errando que se aprende, mas sim, corrigindo o erro" Autor Desconhecido

"Ser professor é um dom de Deus" Autor Desconhecido

“O medo de ser livre provoca o orgulho em ser escravo” Fiódor Dostoievski

“O papel da escola é preparar o aluno para o futuro” Autor Desconhecido

“Só a educação liberta” Epicteto

“A avaliação é o momento de verificar o que o aluno aprendeu” Autor Desconhecido

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina” Cora Coralina

ORIENTAÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DO OBJETO DE PENSAR:

1. Divida o grupo de participantes em duplas;
2. Coloque a caixa do pensar ao centro da sala e peça para que um membro de cada dupla retire uma tira de papel, disparadora do pensar;
3. Será dado um tempo de 5 minutos para que as duplas leiam, reflitam sobre a frase e, sobretudo, criem percepções e ideias para além do que ela expressa;
4. Cada dupla fará a leitura de sua frase em voz alta e, em seguida, socializará oralmente com os demais participantes as ideias pensadas sobre ela, fugindo dos discursos convencionais;
5. Para finalizar o objeto de pensar, será oportunizado que algumas pessoas apontem qual das ideias da caixa consideram mais clichê e qual percepção feita pelas duplas consideram mais inovadora e tocante, justificando suas respostas.

Referências

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?* Tradução: Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Moñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2007.

FERNANDES, I. *O que significa pensar fora da caixa*. Blog. Texto Digital. Disponível em: <https://blogdoirineu.com.br/o-que-significa-pensar-fora-da-caixa/>. Acesso em: 10 dez. 2019.

Título: Desenhos da docência
Autor(a): Cássia dos Santos Teixeira, Fábio Teixeira Lima, Francineide Pereira de Jesus, Frairon César Gomes Almeida, Izidório Paz Fernandes Neto e Marcolino Sampaio dos Santos
Professor(a)/Orientador(a): Angélica Vier Munhoz, Morgana Domênica Hattge, Suzana Feldens Schwertner
Espaço de criação: Disciplina Processos de Ensino e Aprendizagem - Programa de Pós-Graduação em Ensino/Univates

Desenhos da docência

Objetivo:
Refletir e se posicionar criticamente sobre o exercício da docência considerando aspectos formativos, pessoais e profissionais, a partir da linguagem verbal, não verbal e mista.

Instruções:
- Leitura e discussão prévia do texto O drama da mediação, de Jorge Larrosa;
- Explicar o objetivo e a proposta de trabalho;
- Exibição do vídeo: Aquarela – Toquinho de Sylvio Bazote. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZfSKESenw20>.
- Reflexão do vídeo em articulação com o exercício da docência e possíveis questionamentos a serem respondidos oralmente:
- Como imaginavam a docência antes da formação inicial?
- O que pode descolorir esse imaginário da docência?
- Se você pudesse (re)desenhar sua prática docente, o que mudaria/acrescentaria?

Fragmento 1
"O professor dá tempo, faz tempo. Primeiramente, porque ele sabe que o mundo não começa agora, entende que os novos chegam a um mundo que já existe e, portanto, sabe que dar o mundo é dar um mundo velho, envelhecido, um mundo anterior, feito de tempo e que mostra os traços, as rugas e as podridões do tempo; mas também sabe que dar o mundo é dar inclusive as possibilidades do mundo e as possibilidades de renovação e de rejuvenescimento do mundo".

Fragmento 2
"O mestre dá luz, e então seria algo como um artesão da luz, alguém cuja maestria está em saber manejar as artes da iluminação, as artes de mostrar. Da mesma forma que o mestre não

é o que faz o tempo, mas que faz surgir o tempo que nasce da sala de aula (que encontra na própria sala de aula sua condição de possibilidade), tampouco a origem da luz é o mestre".

A partir das reflexões anteriores e dos fragmentos de Jorge Larrosa, discuta em grupos as perguntas abaixo e elabore possíveis respostas.

Perguntas para fazer pensar!

- De que maneira podemos relacionar o "tempo" expostos nos fragmentos e o "tempo" que aborda na música, levando em consideração o exercício docente?
- Considerando as múltiplas e multifacetadas maneiras de decifrar o tempo, este é um aliado ou adversário do exercício da docência?
- Aprendizagem é um processo autoral e de criação. Considerando as reflexões oportunizadas, crie um desenho que expresse pensamentos e aprendizagens sobre a docência na contemporaneidade**.**

Referências

LARROSA, Jorge. O Drama da Mediação. In: LARROSA, J. *Esperando nãose sabe o quê*: sobre o ofício de professor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018

Título: Capturas do invisível
Autor(a): Gabriela Brand de Campos, Flávia Krolow, Fabiane Olegário e Renata Lohmann
Professor(a)/Orientador(a): Fabiane Olegário
Espaço de criação: Projeto de extensão Pensamento Nômade; Disciplina Saberes e Práticas em Arte nos Anos Iniciais e Educação Infantil - Curso de Pedagogia/Univates.

Capturas do invisível

Com as fotos feitas dos alunos das instituições (SLAN - Santo Antônio e São João Bosco), montaremos uma instalação fotográfica. Do teto, serão pendurados monóculos com as miniaturas das fotos produzidas pelos estudantes. Dessa forma, o público será convidado a interagir com cada foto, observado cada uma individualmente. As perguntas feitas aos estudantes também estarão expostas, incentivando a reflexão do público. Deixaremos ao fundo um som ambiente, imitando o som do recreio da escola.

Material para a exposição:

- Link para aquisição dos monóculos (https://lista.mercadolivre.com.br/binoculo-de-fotos-antigas)
- Som de fundo ("barulho da escola").
- Impressão das fotografias em miniatura (conferir tamanho = 18mmx24mm)

Atividade:
Deixando 04 envelopes.

1) O que essa imagem te faz pensar?;
2) Escreva três palavras para responder esta pergunta.
3) Desenhe uma dessas palavras.
4) Por fim, retorne e cena e olhe mais uma vez.

Dentro de cada envelope um enunciado.
Somente o envelope 2 e 3, o participante responderá.

Título: Abre e fecha do pensamento
Autor(a): Maria Danielle Lobato Paes, Sarah Patricia Aguiar e Silva Omena, Vinicius Lopes Marinho e Keylliane De Sousa Martins
Professor(a)/Orientador(a): Angélica Vier Munhoz, Morgana Domênica Hattge, Suzana Feldens Schwertner
Espaço de criação: Disciplina Processos de Ensino e Aprendizagem - Programa de Pós-Graduação em Ensino/Univates

Abre e fecha do pensamento

MATERIAL
Papel color set, tesoura, cola e tiras de papel com as frases.

COMO FAZER
Pegue uma folha de papel coloR 7 ou outro tipo de papel;

Faça uma dobra na ponta superior direita e junte-a ao lado esquerdo da folha para formar um triângulo.

Abra o triângulo e veja como fica marcado o vinco diagonal no quadrado.

Dobre as quatro pontas do quadrado até o centro.

Vire o papel e dobre novamente as quatro pontas para dentro.

Dobre o quadrado ao meio para fazer vínculo.

Abra a dobra e coloque os dedos nas aberturas das quatro extremidades e dê forma ao quantos queres, conforme a imagem.

Pronto, agora é só começar o jogo do Abre e fecha do pensamento.

COMO JOGAR

1. Realizar a leitura do texto para o grupo.
2. Organizar 4 grupos com 2 ou mais pessoas, cujo critério de escolha de quem inicia o jogo é aleatório. Ex: par ou ímpar.

3. Entregar um objeto para cada grupo. Lembrem que os objetos de cor azul e amarelo são de formato discursivo e os de cores de verde e vermelho são de configuração reflexiva.
4. Cada jogador escolhe uma temática: aprendizagem, ensino, professor ou família e logo após um número entre 1 e 10. O número escolhido determina quantas vezes a pessoa que está com o objeto nas mãos deverá abrir e fechá-lo.
5. Em seguida, iniciam-se as discussões ou reflexões entre os componentes do grupo.
6. Terminado a primeira rodada, o objeto será manuseado por outro componente que deverá repetir o mesmo processo.
7. Cada grupo poderá repetir acima o jogo quantas vezes desejar.

NOTA:
Para melhor visualizar, acessar o link: http://divertudo.com.br/videotudo/abrefecha3.html.

TEXTO:

ABRE E FECHA DO PENSAMENTO:
REFLEXÕES SOBRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM

Ao nos depararmos com o desafio de criar um objeto do pensar, optamos por trazer reflexões acerca de quatro elementos que julgamos fundamentais no processo de ensinar e aprender. Consideramos que os mesmos não podem ser entendidos de forma isolada em virtude de possuírem um grau de interdependência entre si.

O primeiro elemento deste contexto é o professor visto por muitos com aquele que professa a verdade, confessa o não saber, abraça o compromisso de se reinventar, adota atitude de aprendiz, compromete-se com a autosuperação. Infelizmente é preciso ter paciência para se manter num país que tanto desvaloriza o seu saber. Mesmo diante das adversidades ele é capaz de ver potencial onde os outros só enxergam um caso perdido, apontando caminhos, mas deixando que o aluno caminhe com seus próprios pés. Ao pensar no professor, muitos associam o seu nome à aprendizagem, ou seja, seria ele o responsável por fazer o aluno aprender. No entanto, cabe aqui destacar que ele é mais uma engrenagem responsável por esse sistema complexo funcionar.

Mas o que de fato seria a tão famosa aprendizagem? Seria ela a única coisa de que a mente nunca se cansa, nunca tem medo e nunca se arrepende? Será que é a possibilidade de errar e acertar? Afinal de contas quanto mais apagamos e redesenhamos, mais perfeito vão se tornando os nossos traços. Somos livres na busca dessa construção do conhecimento. O que podemos dizer é que aprendizagem é conhecimento, e conhecimento é liberdade e poder. No fim das contas o que podemos constatar é que há escolas que são gaiolas e há escola que são asas (Rubem Alves, 2004). Fica aí a provocação a se pensar.

Para que um sistema possa funcionar é necessário que uma engrenagem a outra possa se conectar. A família surge nessa reflexão como um elemento de grande participação. Inicialmente é importante lembrar que a escolarização é apenas uma parte da educação. Educar é tarefa da família neste sentido podemos perguntar: A escola é uma grande parceira da família ou a família uma grande parceira da escola? A resposta é que tanto faz a ordem em que se coloque, pois, o mais importante é que ambas cumpram o seu papel de educador. A família é a primeira escola de virtudes e valores de que a sociedade necessita afinal de contas atrás de cada aluno que acredita em si mesmo, está uma família que acreditou primeiro.

Na área da física e engenharia engrenagens são elementos mecânicos compostos de rodas dentadas que se ligam a eixos, aos quais imprimem rotação e torque, transmitindo assim potência. Essa potência poderia ser nessa reflexão o conhecimento? Já que ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção (Paulo Freire, 1996). De fato, não podemos ensinar nada a ninguém, o que podemos é fazê-lo pensar, afinal o que é ensinado, não é prisão, é liberdade!

Chegamos ao fim dessa reflexão ainda pensando nas engrenagens, visto que elas não só apresentam cores variadas, mas também se diferenciam com relação a função, cujos movimentos remetem ao exercício de reflexão e de discussão das informações registradas nesse objeto de pensar. Tal informação nos faz pensar que apesar das diferenças todos os elementos desse grande sistema dependem um do outro e devem caminhar em sintonia para os objetivos alcançar.

Referências

ALVES, R. *Gaiolas ou Asas. A arte do vôo ou a busca da alegria de aprender*. Porto, Edições Asa, 2004

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Título: Organizações, classificações e inventariações dos saberes do mundo
Autor(a): Angélica Vier Munhoz
Espaço de criação: Disciplina Estudos do currículo - Curso Pedagogia/Univates

Organizações, classificações e inventariações dos saberes do mundo

Quem tem o poder de organizar e nomear as coisas do mundo? Como as ciências, ao inventarem classificações, legitimaram as formas de saber? De que modo organizamos os saberes do mundo em categorias, compondo o currículo escolar? A organização hierárquica dos saberes do mundo "serve para acomodar os seres, as coisas e os conhecimentos em um sistema completo e suficiente, com propósitos de atender os parâmetros científicos ou burocráticos de uma dada instituição ou campo disciplinar [...] (MACIEL, 2009 p.16).

Entretanto, muitos literários, artistas, cineastas, tais como Umberto Eco, Arthur Bispo do Rosário, Walmor Correia, Peter Greenaway, Carlos Drummond de Andrade, entre outros, criaram os seus próprios inventários, coleções, , listas, enciclopédias ficcionais, organizários, bestiários para mostrar que é possível romper com as classificações e ordenações arbitrárias e fabular outros modos de organizar e classificar tais saberes ou mesmo criar categorias provisórias e inclassificáveis de organizar a ordem desordenada da vida.

À exemplo disso, o escritor argentino Jorge Luis Borges (2013), sabiamente, afirmava que não há classificação do universo que não seja arbitrária e conjectural. E a razão é muito simples, dizia o literário: "não sabemos o que é o universo" (BORGES, 2013, p. 125). Essa impossibilidade de penetrar no esquema divino do universo poderia "dissuadir-nos de planejar esquemas humanos, embora nos conste que estes são provisórios" (BORGES, 2013, p. 125). Assim, no conto O idioma analítico de John Wilkins, Borges (2013) recorda que o doutor Franz Kuhn atribui a certa enciclopédia chinesa intitulada Empório celestial de conhecimentos benévolos, uma nova classificação dos animais em 14 categorias:

(a) Pertencentes ao Imperador
(b) Embalsamados
(c) Amestrados
(d) Leitões
(e) Sereias
(f) Fabulosos
(g) Cães vira-latas
(h) Os que estão incluídos nesta classificação
(i) Os que se agitam feito loucos
(j) Inumeráveis

(k) Desenhados com um pincel finíssimo de pêlo de camelo
(l) Et cetera
(m) Os que acabaram de quebrar o vaso
(n) Os que de longe parecem moscas.

Essa obstinação por classificação também é explorada no livro Penser/Classer, do escritor francês Georges Perec (1985), no qual o autor começa se perguntando se pensamos antes de classificar ou se classificamos antes de pensar e como pensamos quando queremos classificar. Perec provoca e desordena o próprio sistema de ordenação através de sinônimos: "tudo isso seria uma utopia de desejo taxonômico, a de colocar um lugar para cada coisa e uma coisa em cada lugar" (PEREC, 1985, p 163). Para Perec (1985), o problema das classificações é que elas caducam, apesar do desejo de classificar. A abundância de coisas e de informações de cada elemento permite, somente, uma classificação provisória, incompleta e absurda. Assim, Perec apresenta sua própria lista:

a) Animais que fazemos pares
b) Animais que a caça é proibida do 1o de abril à 15 setembro
c) Baleias encalhadas
d) Animais que na entrada do território nacional são submetidos à quarentena
e) Animais em copropriedade
f) Animais empalhados
g) Et cetera
h) Animais sensíveis
i) Animais beneficiários de heranças importantes,
j) Animais que podem ser transportados em cabines
k) Cachorros perdidos sem coleira
l) Asnos
m) Jumentos presumidamente cheios

Agora é a sua vez de criar um inventário/organizário de saberes e coisas do mundo.
Para isso, siga os seguintes passos:

- Escolha um dos autores abaixo, pesquise as suas produções sobre inventários, listas, catalogações, enciclopédias, organizários;
- A partir da tática do autor escolhido, inventarie uma nova ordem de saberes;
- Classifique ideias, liste-as, organize termos e coisa em classes, crie hierarquias, invente novas categorias, etc.
- Crie uma categoria de elementos "inclassificáveis"
- Imagine um currículo que tome como ponto de partida esse inventário/organizário de saberes e coisas do mundo, criado por você.

Autores:
Umberto Eco
Georges Perec
Jorge Luis Borges
Arthur Bispo do Rosário
Walmor Correia
Peter Greenaway
Carlos Drummond de Andrade

Dicas:

1. A inventariação não pode estar relacionada a conhecimentos universais passados de geração a geração, verdades hegemônicas, saberes científicos a-historicizados.
2. Para inventariar novas catalogações é necessário fabular, experimentar, criar, ficcionalizar. Imaginar que essas categorias são sempre provisórias, pois dizem respeito ao movimento da própria vida.

Referências:

BORGES, J. L..*Outras inquisições*. São Paulo: Cia das Letras, 2013.

CORREA, W. *Biblioteca dos Enganos*. Bienal do Mercosul, 2009.

MACIEL, M. E. Do inclassificável e das classificações. In: MACIEL, Maria Esther. *As ironias da ordem*: coleções e enciclopédias ficcionais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

PEREC, G. *Penser/Classer*. Paris: ÉditionsduSeuil, 1985

Título: Qual o seu clássico?
Autor(a): Angélica Vier Munhoz
Espaço de criação: Disciplina Seminário II - Educação e Literatura - Curso Pedagogia/ Univates

Qual o seu clássico?

O escritor italiano, Ítalo Calvino, no livro "Por que ler os clássicos" (2007), destaca 14 notas tentando buscar respostas à pergunta: Por que ler os clássicos? Após várias argumentações, finaliza com a sua última e única razão: "Ler os clássicos é melhor do que não ler os clássicos". (CALVINO, 2007, p.16)

Proposta:

1. Escolha um clássico que vai lhe acompanhar durante algum tempo (mês, semestre, ano). Folheie, leia, abandone-se à imaginação. Se ele não te capturar, troque o clássico;
2. Produza pequenos exercícios de escritas, buscando aproximar-se do seu clássico: escreva uma carta convidando ele para um café; relate um encontro que teve com ele; escreva para ele contando o que você mais aprecia no seu estilo, nas suas obras, etc.
3. Tente "imitar" o estilo de escrita do seu clássico. "Grude" no estilo dele.
4. Invente, crie, fabule.

Referências

CALVINO, Í. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia de bolso, 2007.

PERISSÉ, G. *Literatura e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Título: Docência em branco
Autor(a): Suzana Feldens Schwertner
Espaço de criação: Grupo CEM

Docência em branco

a) Escrever, em uma folha em branco (A4), o maior desafio da docência na atualidade – aquele que você enfrenta, hoje, em sua escola, em seu cotidiano profissional. Busque ser o mais generalista possível, sem indicar a escola, nomes, especificidades. Tente colocar de um modo geral sua dificuldade em particular. Não esqueça de deixar espaço em branco para a resposta. No canto abaixo, na folha, desenhe um símbolo que seja a sua marca pessoal e eu não possa ser identificada por ninguém, apenas por você (pode ser uma combinação de letras, um desenho simples, um rabisco). Dobre a folha de modo que a próxima pessoa não possa ler seu escrito. Passe a folha adiante.

b) Receba uma folha, dobrada, e não caia na tentação de abrir o escrito. Use o espaço em branco para escrever uma solução para o possível desafio escrito pelo seu colega. Você não lerá o desafio, fará um exercício de imaginação. Busque responder de maneira genérica, indicando caminhos, ideias, sugestões, exercícios, pensamentos, possibilidades, possibilidades. Ao finalizar, faça um avião com o papel (ainda se lembra como fazer um avião? Podemos fazer uma oficina sobre isso, com o auxílio dos estudantes!) e em consonância com os colegas, atirem os aviões pelo local.

c) Busque sua folha inicial, por meio daquele símbolo que apenas você conhece. Leia a sugestão indicada pelo seu colega. O que ela te faz pensar? Pode auxiliar a pensar sobre o seu desafio como docente hoje? Compartilhe com os colegas o seu exercício.

d) Faça um momento de conversa com todos os presentes: quais os desafios que mais aparecem neste grupo? Quais as respostas, dicas, sugestões, propostas pelos colegas? Que outras sugestões poderiam aparecer neste momento?

Título: E se a internet acabar, professor?
Autor(a): Luís Carlos Cavalheiro da Silva
Professor(a)/Orientador(a): Suzana Feldens Schwertner, Angélica Vier Munhoz, Morgana Domênica Hattge e Ieda Giongo
Espaço de criação: Disciplina Processos de ensino e aprendizagem - Programa de Pós-Graduação em Ensino/Univates

E se a internet acabar, professor?

A pesquisa TIC Educação (2018), realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), traz dados interessantes sobre como professores e estudantes brasileiros utilizam a Internet e outras TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) no espaço escolar ou com finalidade educativa.Para tanto, o levantamento ouviu 11.142 estudantes de 5º e 9º ano do Ensino Fundamental e do 2º ano do Ensino Médio de todo o Brasil. Abaixo, alguns destaques revelados pela pesquisa sobre o uso de tecnologia na escola por professores:

- Finalidade da navegação na Internet: Maioria dos professores (76%) utilizam a Internet para desenvolver ou aprimorar seus conhecimentos sobre o uso de tecnologia na escola e nos processos de ensino-aprendizagem.
- Aumento da procura por TICs: a busca por vídeos e tutoriais online sobre o uso das TIC nas práticas pedagógicas cresceu 16 pontos percentuais entre 2015 (59%) e 2018 (75%).

Com base na pesquisa acima, a qual afirma que a maioria dos professores utilizam a internet para preparação de suas aulas, indaga-se: **E você, na sua rotina docente, utiliza-se da internet para preparar suas aulas?**

A fim de fazer você refletir um pouco, provocando um *tsunami* em teu pensamento, convido-te a resgatar em tua mente (para aqueles com mais de 30 anos) e a imaginar (para aqueles com menos de 30 anos) como seria a tua vida hoje sem internet.

Instruções para aplicação do objeto

1- Cada participante deverá anotar pelo menos CINCO serviços essenciais da sua rotina como docente que realiza ou já realizou utilizando-se da internet;
2- Justificar cada um deles dizendo porque é importante em sua prática;
3- Explicar como realizaria cada um dos cinco serviços elencados se não tivesse mais a Internet.
4- Reflita em relação ao tempo para desenvolver tal atividade. Como seria o impacto na tua vida?

Orientações para aplicação do Objeto

1- Distribuir uma cópia impressa para cada participante;
2- Ler o fragmento e a proposta em voz alta;
3- Distribuir folhas em branco;
4- Dar tempo suficiente para que todos realizem a proposta;
5- Colocar em uma caixa, embaralhar e solicitar que cada um retire uma folha (que não seja a sua);
6- Solicitar que cada um leia em voz alta o que o colega fez e a partir das respostas discutir no grupo as relações entre ensino-aprendizagem antes e depois do advento da Internet. Será que mudou?

Observação: É importante que o examinador tenha se apropriado do assunto antes de aplicar este objeto de pensar, para que possa problematizar com a turma, buscando "violentar" o pensamento dos participantes.

Referências:

TIC Educação - 2018 Alunos. 2018. Disponível em: <https://cetic.br/pesquisa/educacao/indicadores>. Acesso em: 10 dez. 2019.

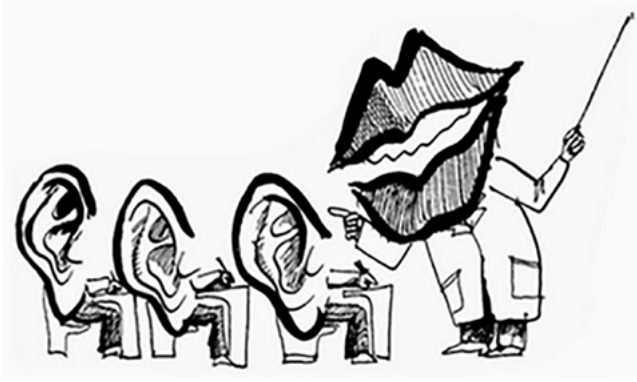
Título: Abrindo a caixa de pandora, quais surpresas eu vou encontrar?
Autor(a): Camila Ribeiro Menotti
Professor(a)/Orientador(a): Suzana Feldens Schwertner, Angélica Vier Munhoz, Morgana Domênica Hattge e Ieda Giongo
Espaço de criação: Disciplina Processos de ensino e aprendizagem -Programa de Pós-Graduação em Ensino/Univates

Abrindo a caixa de pandora, quais surpresas eu vou encontrar?

Com o intuito de refletir sobre a prática docente, a sala de aula e o ambiente escolar, o objeto de pensar propõe uma nova versão do mito "A caixa de Pandora", desafiando os participantes a se colocarem no papel de Pandora e abrir uma caixa misteriosa. Sendo assim, após a leitura da história, um baú pequeno, contendo imagens que refletem diferentes processos de ensino e aprendizagem, será utilizado como referência à caixa descrita no mito.

As imagens selecionadas, para serem utilizadas no objeto de pensar, são:

Imagem 1:

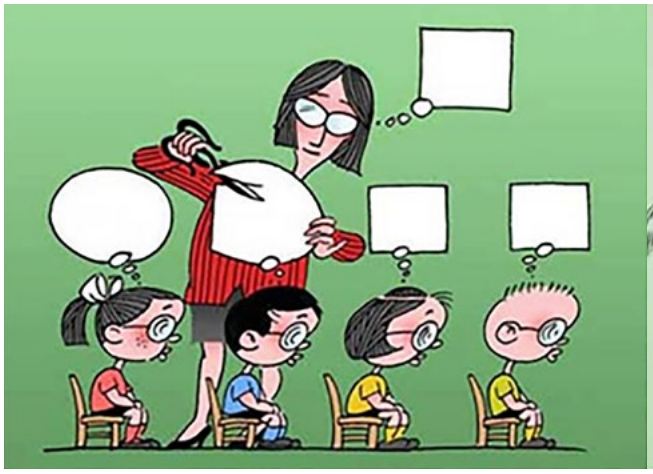


Fonte: Google Imagens.

Imagem 2

Fonte: Google Imagens.

Imagem 3:

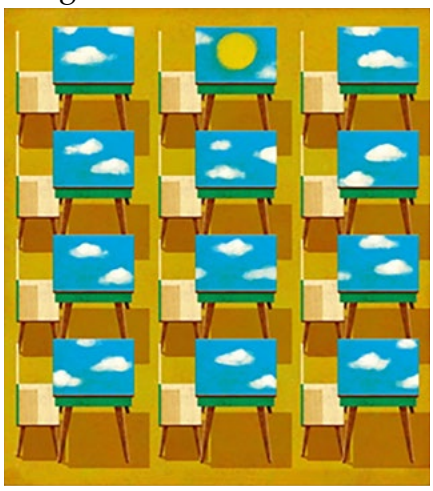


Fonte: Google Imagens.

Imagem 4:

Fonte: Google Imagens.

Imagem 5:



Fonte: Google Imagens.

Imagem 6:

Fonte: Google Imagens.

Imagem 7:

Fonte: Google Imagens.

Imagem 8:

Fonte: Google Imagens.

Imagem 9:

Fonte: Google Imagens.

Imagem 10:

Fonte: Google Imagens.

Imagem 11:

Fonte: Google Imagens.

Imagem 12:

Fonte: Google Imagens.

Essas imagens estarão dentro de envelopes, a fim de não serem visualizadas de imediato. O baú passará de mãos em mãos para que os participantes possam retirar os envelopes. É possível deixar o baú num lugar de destaque e os participantes irem retirar os envelopes. Fica à critério de quem aplicará o objeto de pensar.

Ao retirar o envelope, cada participante deve abri-lo e analisar a imagem que se encontra dentro. Após, devem responder as questões que estão no verso da respectiva imagem:

- Qual título você daria para essa imagem? Por quê?
- O que essa imagem reflete sobre os processos de ensino e aprendizagem atuais?
- Como você desconstruiria ou construiria a prática docente representada na imagem?
- O que você guarda dentro da sua caixa de Pandora enquanto docente? Por quê?
- Descreva o que você sente ao abrir a sua caixa de Pandora em sala de aula.

Os participantes podem escrever as suas respostas em uma folha de ofício e socializá-las posteriormente, fazendo uma reflexão de todas as imagens e suas provocações.

Instruções para o desenvolvimento do objeto de pensar

1. Disponibilizar o texto "A caixa de Pandora" para os participantes.
2. Fazer a leitura coletivamente.
3. Explicar a proposta do objeto de pensar.
4. Passar o baú para os participantes retirarem os envelopes.
5. Disponibilizar um tempo para os participantes abrirem os envelopes e refletirem sobre as imagens.
6. Distribuir folhas para a escrita das respostas.
7. Socializar e debater as respostas.

Considerações

A proposta do objeto de pensar, partindo do mito da caixa de Pandora, busca mexer com os discursos e as convicções dos participantes. Talvez muitos se vejam nas imagens, enquanto outros não e alguns percebam que precisam transformar sua prática ou aperfeiçoá-la. Ademais, o objeto de pensar faz uma alusão à fala de Michel Foucault (2018, p.166): "Nem tudo é ruim, mas tudo é perigoso. Temos sempre algo a fazer".

Referências:

BULFINCH, T. *O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. Tradução de David Jardim. Rio de Janeiro: Agir, 2015.

COTRIM, G. *Fundamentos de filosofia*. São Paulo: Saraiva, 2017.

FOUCAULT, M. Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho. In: VEIGA-NETO, Alfredo. *Transformações espaços-temporais e educação na contemporaneidade*. Em Aberto. Brasília, v.31, n.101, p.165-170, jan./abr. 2018.

IMAGENS. Disponível em: <http://images.google.com.br> Acesso em: outubro de 2019.

Título: Ensinei o Floquinho a assobiar
Autor(a): Jordana Reckziegel
Professor(a)/Orientador(a): Suzana Feldens Schwertner, Angélica Vier Munhoz, Morgana Domênica Hattge e Ieda Giongo
Espaço de criação: Disciplina Processos de ensino e aprendizagem - Programa de Pós-Graduação em Ensino/Univates

Ensinei o Floquinho a assobiar

1ª Etapa: Apresentar a charge "Ensinei o Floquinho a assobiar", de Maurício de Sousa.

Fonte:https://pt.slideshare.net/PaulaSantos36/diferenciaco-pedagogica

2ª Etapa: Fixar, em locais aleatórios do espaço, cartazes contendo uma das seguintes afirmações:

a. A aprendizagem não está relacionada ao ensino.
b. O Floquinho não aprendeu a assobiar porque não quis.
c. As condições físicas do Floquinho o impediram de aprender.
d. O Ensino não é importante.

3ª Etapa: Solicitar aos participantes, que circulem livremente pelo espaço para visualizar as afirmações e anotar nos cartazes suas reflexões. As reflexões podem ser feitas através de palavras escritas, desenhos ou outros signos, conforme cada um julgar mais adequado. Esta etapa pode durar de 10 a 15 minutos.

4ª Etapa: Propor que os participantes escolham um dos cartazes. Em caso de maior número de participantes, destinar um tempo de 3 minutos para discutirem sobre as afirmações e anotações do cartaz escolhido.

5ª Etapa: Convidar um integrante de cada grupo para explanar sobre o assunto.

6ª Etapa: Caso haja algum dos cartazes que não tenha sido escolhido, propor pensarem juntos a respeito dele(s). Por que não foi(ram) escolhido(s)? O que podemos pensar a respeito disso?

Referências:

ALMEIDA, P. *Diferenciação Pedagógica***.** 2 de fevereiro de 2015. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/PaulaSantos36/diferenciaco-pedagogica>. Acesso em: 10 dez. 2019.

Título: Em qual frequência você vibra?
Autor(a): Everline Luise Heinrichs
Professor(a)/Orientador(a): Suzana Feldens Schwertner, Angélica Vier Munhoz, Morgana Domênica Hattge e Ieda Giongo
Espaço de criação: Disciplina Processos de ensino e aprendizagem - Programa de Pós-Graduação em Ensino/Univates

Em qual frequência você vibra?

Passo 1 da caminhada: Inicialmente leia os excertos abaixo:

> A alternativa é sempre uma e a mesma: de um lado, a criação, a invenção, o pensamento, a vida, a liberdade; do outro, a reprodução, o erro, a imitação, a opinião, o servilismo. A primeira é o que faz quem faz escola, é o que precisamos e não praticamos nas escolas que existem na América. A segunda é o que temos feito até agora nas escolas, o que é mais fácil de encontrar nelas e que se trata de transformar. Fazer escola criando, inventando é o caminho para essa transformação (KOHAN, 2015, p. 70).

> Então, existem três tipos de professores: os que presumem saber, os que confundem com seu saber e os que ajudam para que todos saibam. Dessa trilogia só interessam, para uma educação republicana, os últimos. Ou seja, não interessam os professores catedráticos (os que transmitem seu saber), fingidores ou atrapalhadores. Interessam os professores de todos, aqueles que se colocam a serviço dos que aprendem para que aprendam o que necessitam para viver. Os professores precisam não só saber os princípios dos conhecimentos, mas também 'ajudar a estudar', 'ensinar a aprender' e, mais ainda: 'INSPIRAR' em alguns e 'EXCITAR' em outros o DESEJO de SABER' (KOHAN, 2015, p. 87).

> Ou seja, o professor interessante, o que faz escola, não é o que transmite o seu saber, mas o que gera desejo de saber, o que inspira em outros o desejo de saber. Professor é aquele que provoca nos outros uma mudança em sua relação com o saber, é o que os retira de sua apatia, de sua comodidade, de sua ilusão ou impotência, fazendo-os sentir a importância de entender e entender-se como parte de um todo social. Em última instância, é o que faz nascer o desejo de saber para compreender e transformar a vida própria e outras vidas (KOHAN, 2015, p. 87-88).

Passo 2 da caminhada: Experimente-se, ouça e aprecie a música:

Outras frequências - (Engenheiros do Hawaii – Composição de Humberto Gessinger)

Passo 3 da caminhada: Agora, reflita sobre a música, juntamente com os excertos acima destacados, sobre a sua ação docente e responda:

Na sua ação docente, em qual frequência você vibra?

A expressão da resposta pode ser como você preferir: em forma de palavras, texto, desenho... Enfim, seja você, na sua frequência!

Referências

GESSINGER, H. Outras frequências. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/engenheiros-do-hawaii/45706/>. Acesso em: 01 out. 2019.

KOHAN, W. O. *O mestre inventor:* relatos de um viajante educador. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

Título: Gavetas dos sentimentos
Autor(a): Milena Suelen Dickel
Professor(a)/Orientador(a): Silvane F. Isse
Espaço de criação: Disciplina Experiências do Corpo: Corpo, arte e dança

Gaveta dos sentimentos

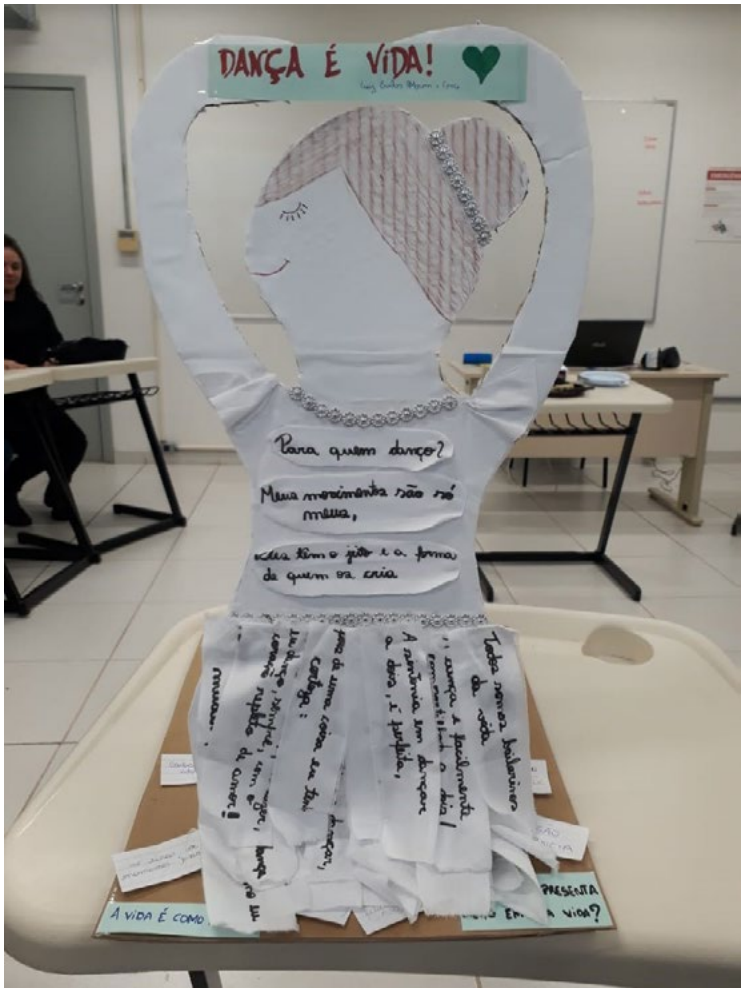
1. Se for possível, todos devem deitar-se em fila, um ao lado do outro e em decúbito ventral. Selecionem o colega da ponta para começar rolando por cima dos outros até o fim e, assim, sucessivamente. Ou pode-se fazer um fila ou círculo e fazer massagem no colega.
2. Cada um, ao chegar na ponta, deve abrir as gavetas de uma mini cômoda.
3. Abrir a primeira gaveta e ler o que estiver dentro.
4. Abrir a segunda gaveta, pegar um papel e lápis e responder a pergunta.
5. Depositar a resposta na última gaveta.
6. Após todos terem respondido, sugiro que abram a última gaveta, retirem os papéis e leiam em voz alta para ouvirem as respostas.

   Pergunta da 1ª Gaveta: O que você sente quando um estranho toca em você?

Título: Metáforas Da Dança
Autor(a): Cristiane M Hunsche, Jaqueline S. Sarmento e Tainara R. Keil
Professor(a)/Orientador(a): Silvane F. Isse
Espaço de criação: Disciplina Experiências do Corpo: Corpo, arte e dança

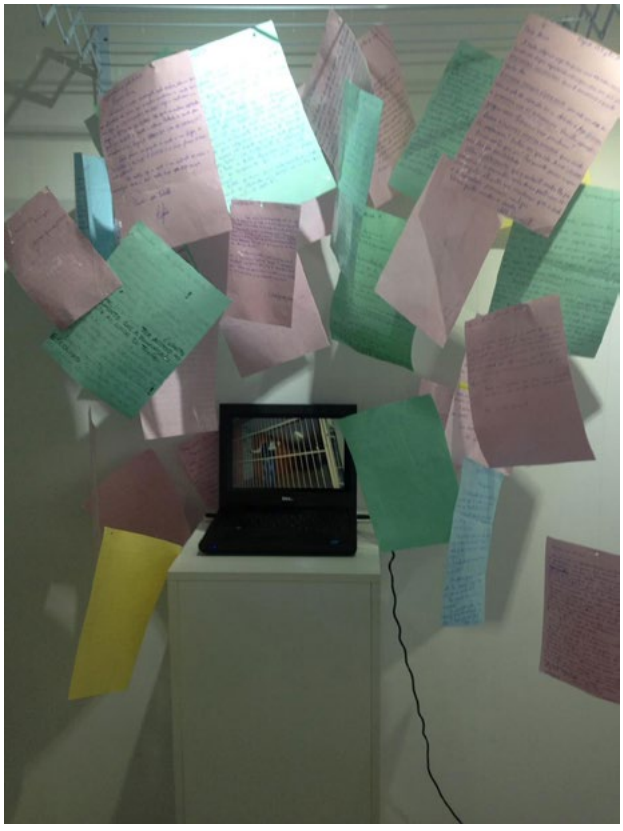
Metáforas da dança

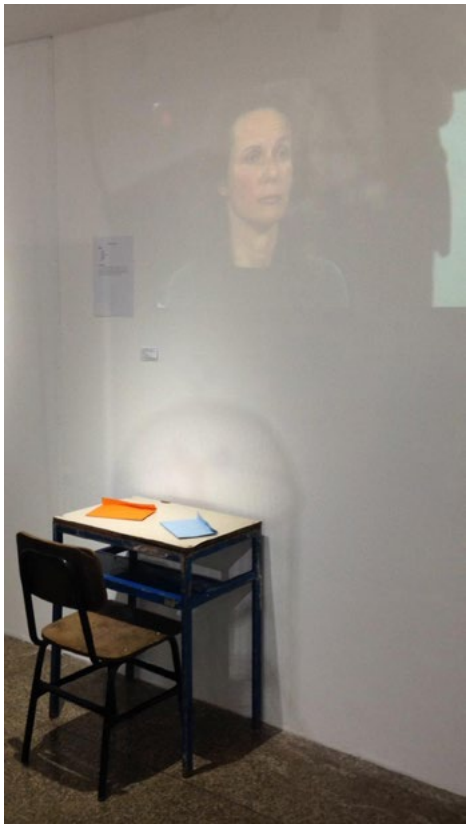
1. Assistir ao vídeo da música 'Dança' de Tiago Nacarato, que está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=e9U_ppMlhoI;
2. Após assistir ao vídeo, as pessoas seriam convidadas a retirar o poema, que se encontra em pedaços de panos na saia da bailaria, para ser feita a leitura. Enquanto isso a música "Dança" pode ser tocada de fundo da dinâmica.
3. Para finalizar, as pessoas podem responder em um pedaço de papel a pergunta que está na frente da bailaria "*O que a dança representa em sua vida?*", e colar a sua resposta na base da bailarina.

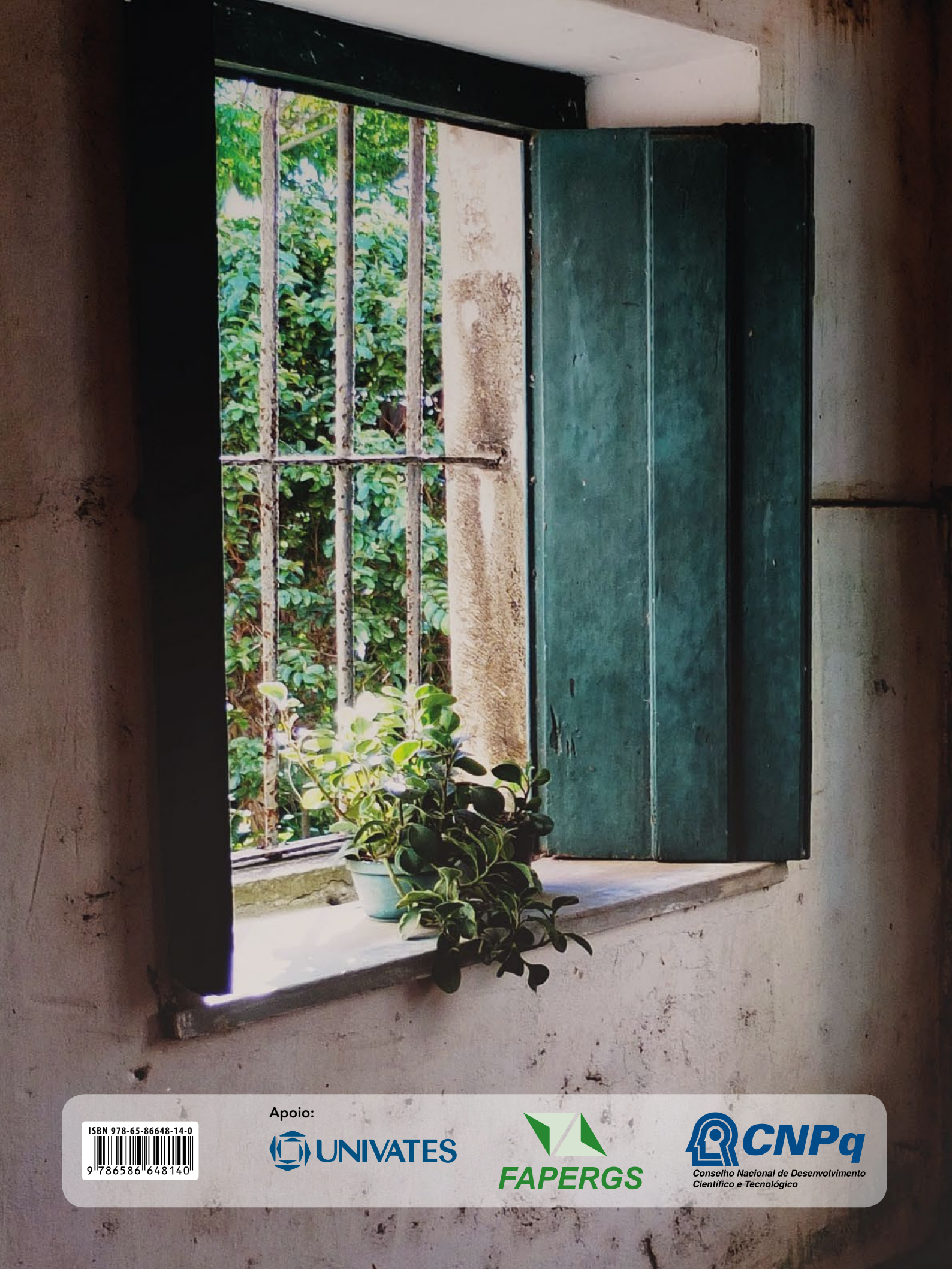


Fonte: Os autores (2019).

Fotografias da exposição







ISBN 978-65-86648-14-0

Apoio:

UNIVATES

FAPERGS

CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico